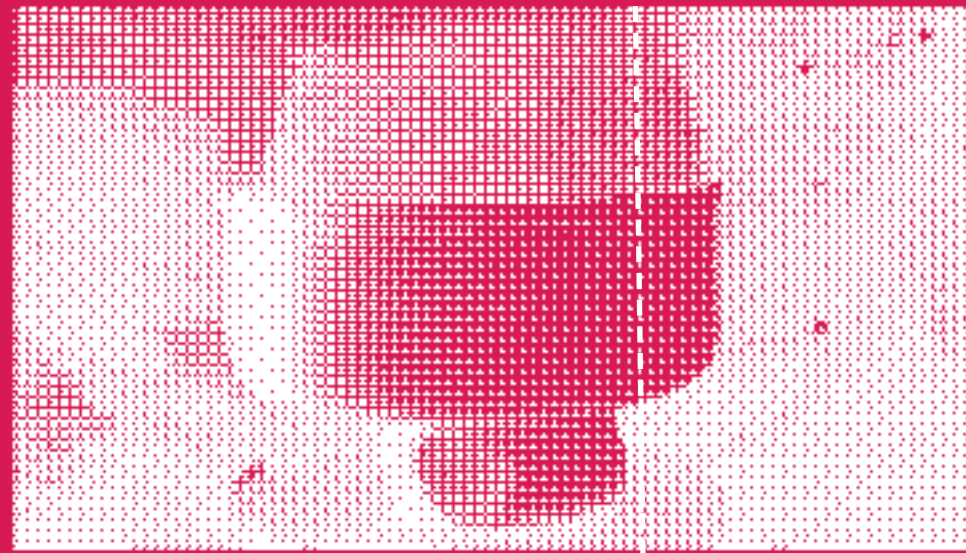
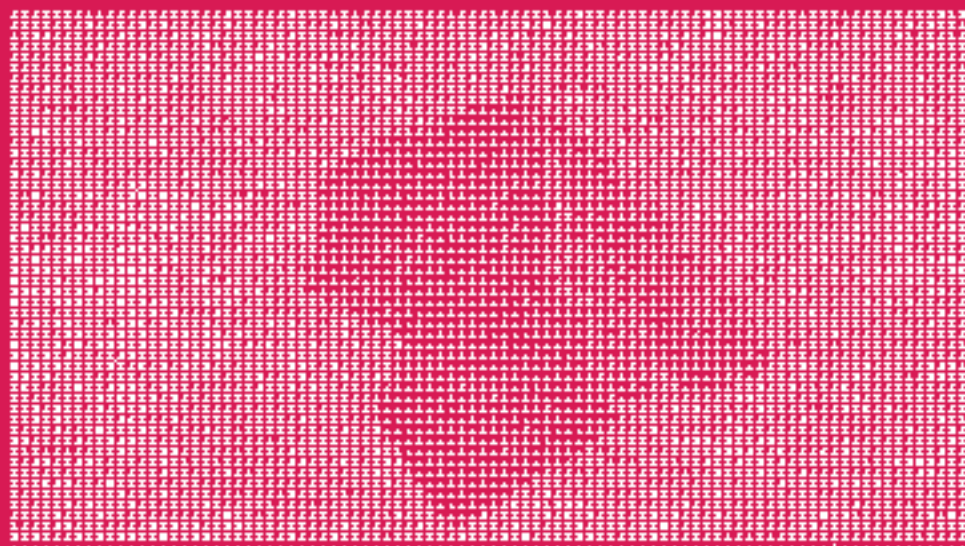
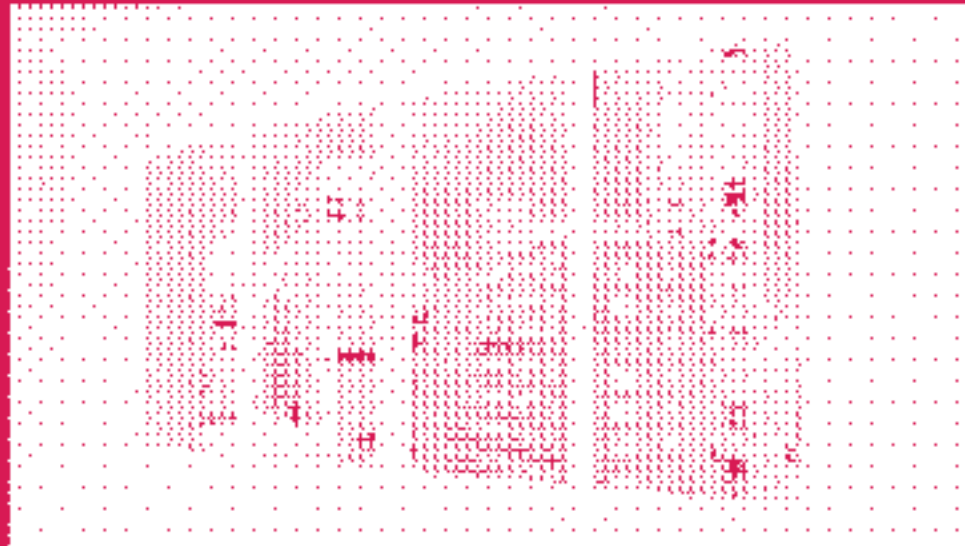
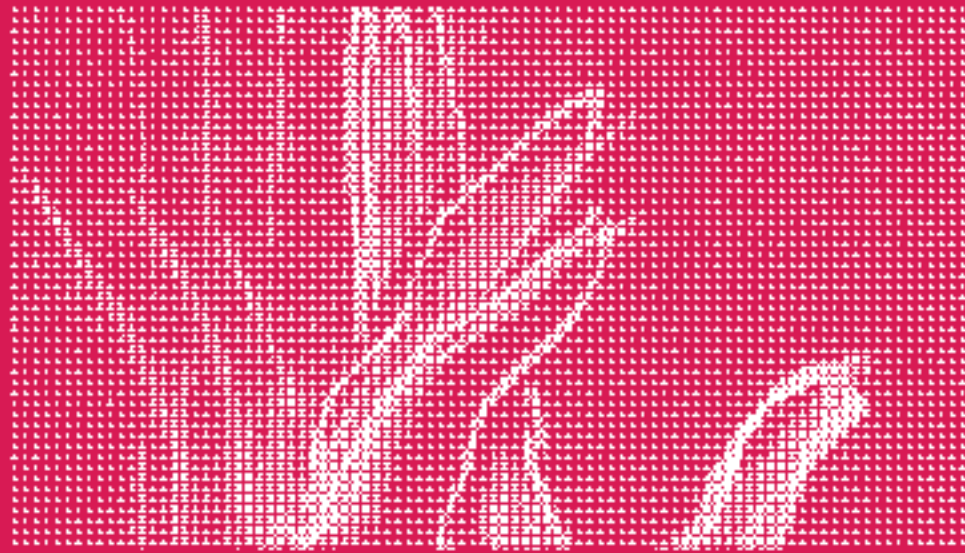
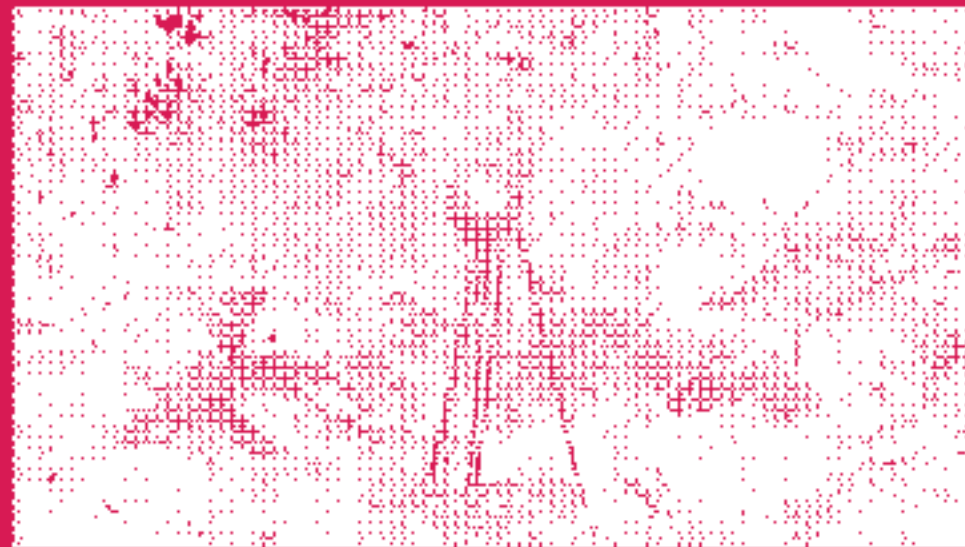
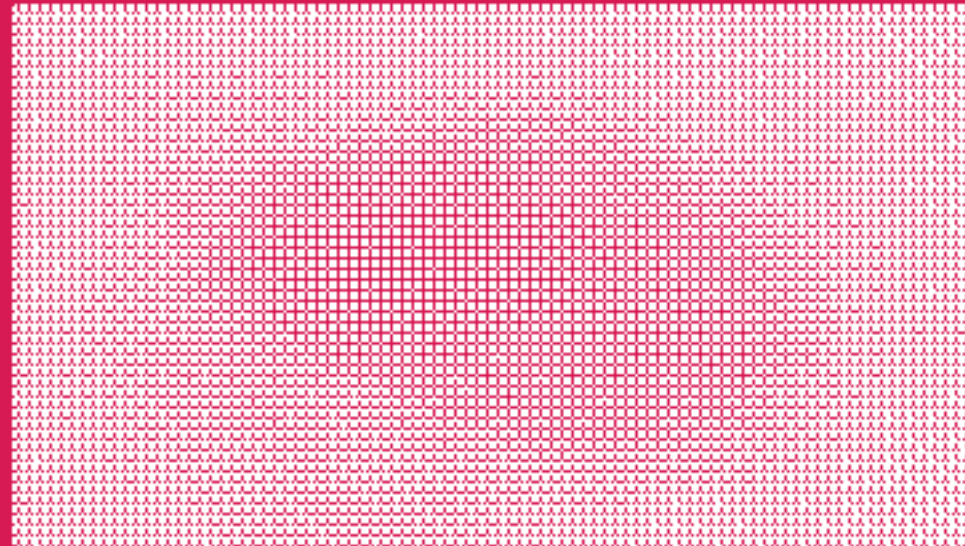
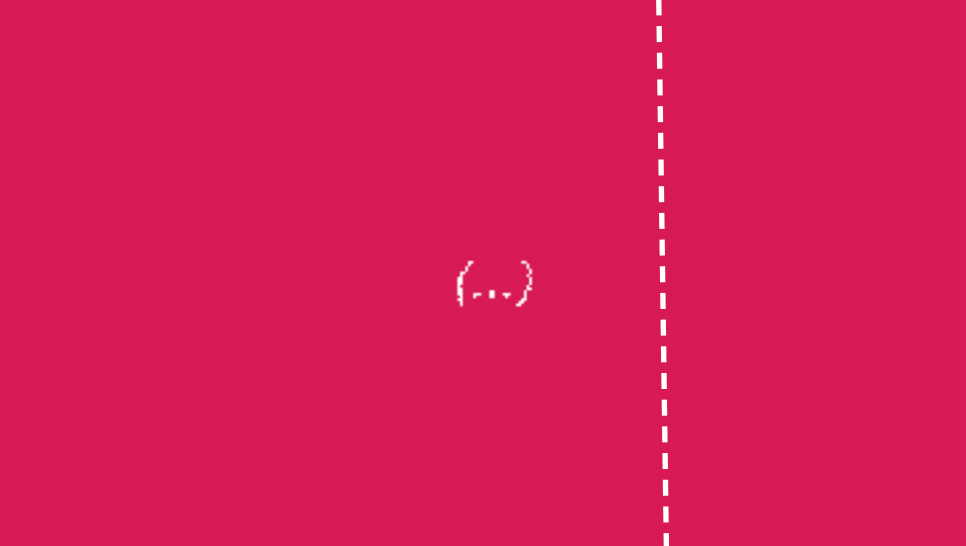
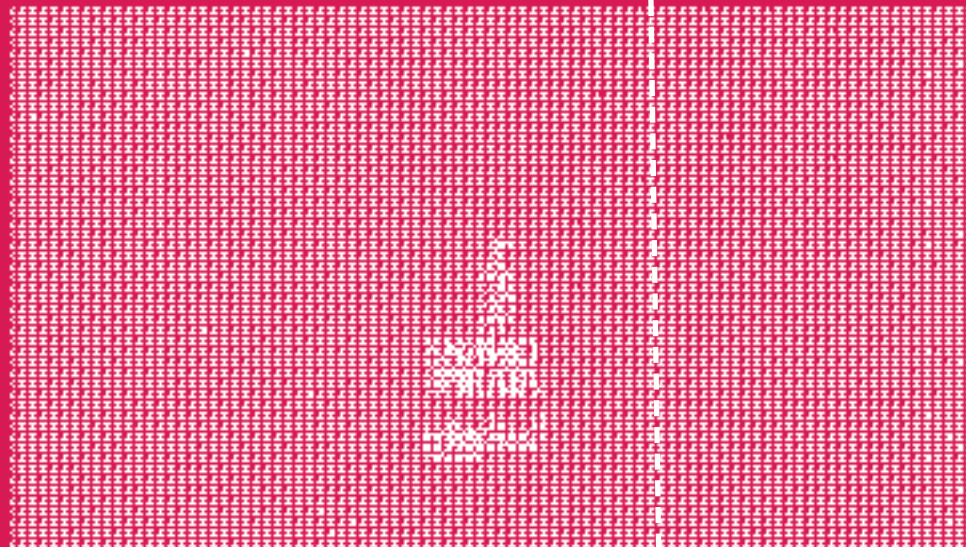


CADBERNO REMOTO



país que de trechos dos e-mails escritos na residência aponta entre 23/11 e 23/05, e-mails para líria e samoda, para o grupo de vestibulares, para leo, para raquel para maria e para gerenciamos. Incentivos não sabemos prosseguir nos campos dos e-mails (mas não podem ser excluídos), resumo da produção do trabalho, poemas de dias deprimidos e "mensagens bobagens sobre a neve" para os filhos e não há nada de "mensagens bobagens" por não poder mais pôr distribuição na pandemia encaminhando para todos pela rede nacional e que possui para mundo.

trabalho de criar as imagens das referências que não é não por as equações: "isso pode ser" resumo do poema de "música fadas" e "isso pode ser" resumo do poema de "música fadas".



Ministério da Cidadania e Pivô apresentam:

Ciclo I - Pivô Pesquisa 2020
23 de março a 08 de junho

Curadoras convidadas —

Livia Benedetti e Marcela Vieira (aarea)

Residentes —

Ana Matheus Abbade, Eduardo Cardoso Amato, Gabriela Godoi, Helô Sanvoy, Júlia Rocha, Livia Paola Gorresio, Maria Noujaim, Matheus Chiaratti, Pedro Hurpia, Pedro Zylbersztajn, Walter Solon e Wisrah Villefort

Participaram do programa —

Ana María Montenegro Jaramillo, Beatriz Toledo, Carol Mendonça, Catalina Valdes, Eliane Moraes, Érica Zíngano, Flora Leite, Germano Dushá, Giselle Beiguelman, Hélio Menezes, Heloísa Espada, Inti Guerrero, Jochen Volz, Kiki Mazzuchelli, Leda Catunda, Lisette Lagnado, Lúcia Koch, Marcelo Campos, María Ines Rodrigues, Marilá Dardot, Marília Garcia, Nuno Ramos, Patrícia Mourão, Tiago Mesquita, Vivian Villanova

Consultoria em tecnologia e desenvolvimento Desktop Aberto —

Adriano Ferrari (aarea)

Projeto gráfico Caderno Remoto —

Páginas

Índice

Apresentação – Pivô
2

Apresentação – aarea
4

Ana Matheus Abbade
6

Eduardo Cardoso Amato
14

Walter Solon
18

Pedro Hurpia
22

Helô Sanvoy
26

Júlia Rocha
32

Livia Paola Gorresio
40

Maria Noujaim
48

Matheus Chiaratti
52

Gabriela Godoi
60

Pedro Zylbersztajn
64

Wisrah Villefort
68

Biografias
72

Agradecimentos
74

Desde a sua fundação, em 2012, o programa e o pensamento institucional do Pivô se estruturam em torno da ocupação e ressignificação de um espaço icônico no centro de São Paulo, com a premissa de construir um ponto de encontro aberto e experimental da cena local, e uma plataforma para a produção e compartilhamento de arte contemporânea e pensamento crítico. Para tal, contamos sempre com a interlocução e a presença constante de artistas em nosso espaço.

O programa de residências Pivô Pesquisa é o principal vetor destes encontros. Nos últimos sete anos, centenas de artistas (de muitos contextos e diferentes gerações), ocuparam os ateliês compartilhados no Copan, os tomando como ponto de partida para a criação de obras, projetos e ideias que ecoam para muito além do espaço físico e da duração do programa. Este movimento constante, nos motiva a seguir sempre repensando e adaptando a estrutura de funcionamento do Pivô Pesquisa para abarcar e divulgar consistentemente uma produção artística cada vez mais plural e multifacetada.

E o início de 2020 não foi diferente. Celebramos, com nossa equipe e apoiadores, a possibilidade de realizar pela primeira vez os três ciclos anuais do Pivô Pesquisa de forma totalmente subsidiada, ampliando assim as possibilidades de ingresso no programa. Recebemos centenas de inscrições e projetos excelentes de artistas de diferentes países e regiões do Brasil, e convidamos curadores externos para acompanhar os selecionados de cada ciclo. No início de março, acolhemos em nosso espaço físico as curadoras Livia Benedetti e Marcela Vieira (fundadoras da plataforma aarea) e os doze integrantes selecionados para participar do primeiro ciclo do Pivô Pesquisa. Nos reunimos no espaço comum dos ateliês, conversamos sobre as expectativas e possibilidades do programa e os artistas foram conduzidos para os seus ateliês individuais. Poucos dias depois, as condições impostas pela pandemia do COVID-19 fizeram com que fosse necessário suspender todas as atividades do Pivô, inviabilizando todo tipo de contato presencial, o que, até ali, considerávamos ser a parte mais importante do programa de residências.

Diante desta situação sem precedentes, nos apressamos em pensar em como nos manter ativos e seguir provendo este espaço de interlocução de qualidade, longe do espaço físico e sem a possibilidade da troca presencial. Optamos juntos por testar uma espécie de “migração” do nosso programa para o ambiente virtual, contando muito com a ampla experiência no universo digital das duas curadoras. A maioria dos artistas já inscritos no programa aceitou o novo convite e a eles se somaram alguns outros nomes sugeridos pela aarea, formando um grupo singular de práticas e pensamentos que acompanhamos com enorme entusiasmo.

Durante os três meses da residência, revimos processos, inventamos novos nomes e maneiras de trabalhar, e sobretudo refletimos amplamente sobre as possibilidades de troca e envolvimento em um cenário tão complexo e carregado de incertezas. Nos surpreendemos positivamente com a qualidade de interação entre os artistas e com os colaboradores do projeto, tanto nas interlocuções individuais quando nas abertas ao público, que tem comparecido e acompanhado ativamente as nossas atividades.

Inti Guerrero nos visitou desde Hong Kong, Ana María Montegro Jaramillo, da Colômbia, Maria Ines Rodrigues, de Bruxelas, Marilá Dardot, de Lisboa, entre tantos outros convidados que puderam se fazer presentes por meio de ferramentas de comunicação online. Sentimos falta das conversas espontâneas durante o cafezinho, mas ganhamos novos tipos de contato tão importantes quanto.

Por fim, lançamos esta publicação, que documenta e amplia o conteúdo gerado pelo grupo, e também o evento Desktop Aberto – primo digital do já conhecido Ateliê Aberto do Pivô – que concluem um processo altamente experimental que, apesar do confinamento, compartilhamos intensamente. Para o Pivô foi um privilégio e um prazer enorme receber este grupo fantástico de artistas, que trabalhou sob o olhar atento das curadoras Livia Benedetti e Marcela Vieira e de todos os convidados deste ciclo.

Esta nova experiência reitera a vocação principal da instituição: responder ativamente ao nosso contexto mais imediato, adaptando sua estrutura para melhor acolher uma variedade de propostas artísticas em desenvolvimento. Trabalhamos sempre para assegurar a autonomia criativa e crítica dos artistas e curadores envolvidos em nossa programação, com o objetivo comum de criar um espaço público e compartilhado para reflexões críticas para além de experiências estéticas. Nos nossos primeiros anos de atuação, abusamos da metodologia da ‘tentativa e erro’ na criação do Pivô Pesquisa, e agora a aplicamos novamente na versão digital do programa. Esperamos poder unir as duas experiências em um futuro não tão distante!

— *Fernanda Brenner*
Diretora Artística
Pivô

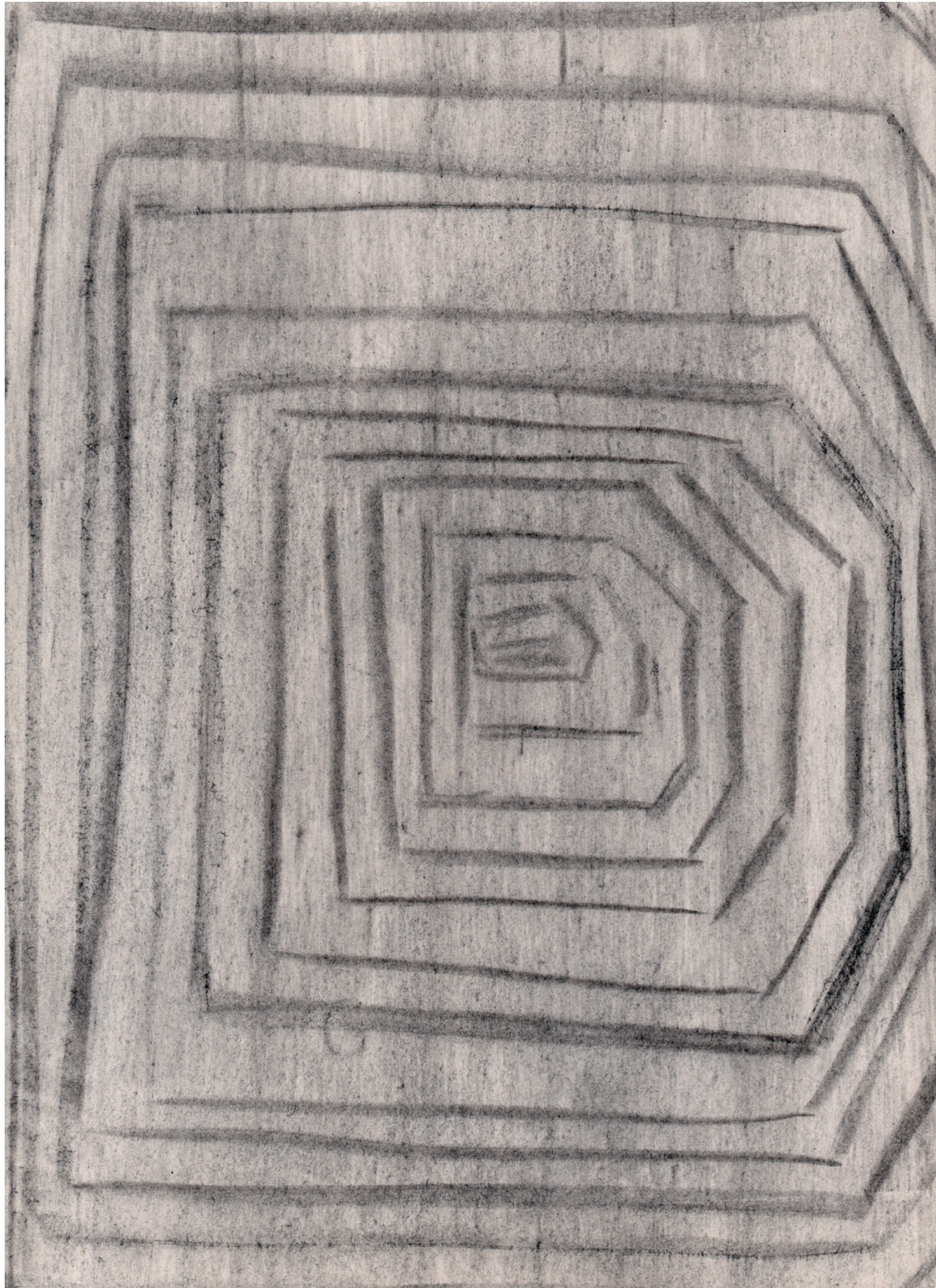
Ao longo desses três meses de residência, atravessamos juntos - artistas residentes, curadoras, colaboradores e equipe do Pivô - um dos momentos mais desorientadores da pandemia do Covid-19: seus primeiros dias e meses, que acertou a todos de modo abrupto. Face ao fechamento provisório de seu espaço físico, o Pivô se mostrou receptivo a transpor sua residência de artistas para a internet, sempre confiando na experimentação do formato desse programa antes tão atrelado à perspectiva arquitetônica do edifício do Copan, onde está localizado.

Carregada de desafios, incertezas e potencialidades, a nova configuração virtual da residência representou algo inédito para todos os envolvidos. Para os artistas, a proposta foi fazer um programa mais centrado em conversas sobre processos, e abrir uma janela para experimentações inéditas no campo da internet. O deslocamento de pesquisas artísticas para esse meio parte da premissa curatorial do próprio aarea, que comissiona e apresenta obras de arte web-based feitas por artistas que não costumam trabalhar nesse contexto. No mesmo mês que iniciamos o trabalho com os doze residentes, estreamos nossa trigésima edição do aarea com Jac Leirner, uma artista que também se viu pela primeira vez elaborando um trabalho na internet em seus quase quarenta anos de carreira. No aarea, nossa abordagem do digital se dá em termos de linguagem: no que a internet pode servir às produções dos artistas? Foi esse o ponto de partida de nossa atuação junto aos residentes. Entendemos a internet como um dos possíveis lugares para a arte, sem que isso signifique preconizar a substituição do espaço físico e da presencialidade.

A transposição do programa para a internet foi concebida, portanto, de acordo com as particularidades desse espaço; encarando-o não como substituto, mas próprio em suas potencialidades. O caráter remoto dessa residência contribuiu com perspectivas inéditas dentro do programa, como, por exemplo, a participação de artistas e interlocutores que residem em outras cidades e países. Já um de nossos principais desafios foi criar e estimular o convívio em grupo, algo que costuma acontecer organicamente na coabitação do espaço dos ateliês do Pivô - alguns dos residentes terão terminado a residência sem nunca terem se visto pessoalmente, porém, mediante nossos inúmeros encontros online, certamente um laço foi criado entre nós. Para encerrar a residência e abarcar pesquisas e interesses tão diversos, elaboramos junto aos residentes e equipe do Pivô duas frentes de trabalho: esta publicação com obras e intervenções inéditas e a série de eventos online Desktop Aberto, na qual os artistas apresentam propostas pensadas para uma plataforma especialmente desenvolvida para a ocasião pelo programador do aarea, Adriano Ferrari.

Agradecemos aos residentes, equipe do Pivô e a todos os colaboradores que participaram do programa pela generosidade em sua disponibilidade de tecer juntos esse novo formato de residência. Em especial, acreditamos na potencialidade desse espaço virtual inaugurado no programa da instituição.

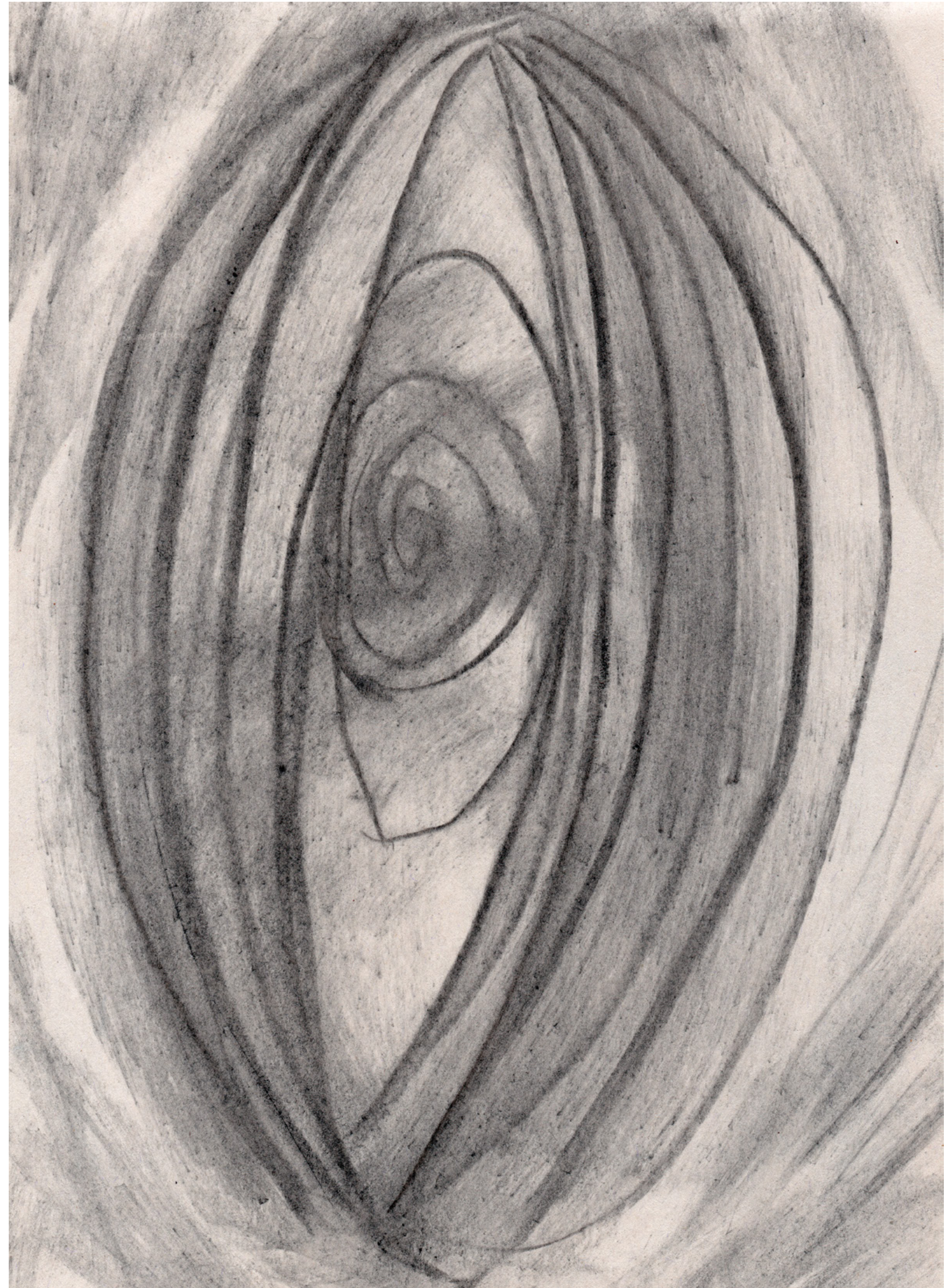
– *Livia Benedetti e Marcela Vieira*
Curadoras
aarea



4 de outubro de 2019

Sonho: Ele me deu a segunda face.
Ele me deu o segundo lado.
Ele me deu um segundo.

Uma segunda face.
Uma segunda metade.





amor
cuidado
calor
intimidade
afeição
carinho
ternura
luxúria
anexo
devogar
idolatria
paixão

arda
desaje
Ansio
graça
sragem







* Descrição da obra Manhattan Brutalista de Hélio Oiticica.

(...)

O pavilhão de Portugal ocupava o primeiro andar de um palazzo às margens do Canal Grande, sede da Fondazione Ugo e Olga Levi. Chamou-lhe atenção o sobrenome, Levi, o mesmo dela. Sem saber que seria o início de uma prática, até de um próprio estilo, Lá anotou as impressões ao fim do dia e me mandou o primeiro de seus relatos.

Fondazione Ugo e Olga Levi

Vim com meu primo Lucas. Primeiro rolê juntos em quatro dias, ele já tinha visto quase tudo da Bienal. No pátio de acesso, erramos de porta, toquei a campainha de um hotel. Pensei até que podia ser isso: instalações nos quartos, restos de comida, garrafa, bitucas, camisinha. Tem artista que faz isso. Tipo cena do crime. Mas na recepção nos mandaram sair, ríspidos, de saco cheio de mais turistas, indicando a porta do outro lado do pátio. Sem saguão de boas-vindas, só uma escada de emergência.

Você sobe. No andar de cima começa o palacete. A monitora é brasileira e se aproxima quando ouve a gente conversando em português. Ela explica: o primeiro andar é onde moravam os criados. A vista do canal é incrível. A exposição não era meu estilo, mas achei interessante: a artista Leonor Antunes pegou móveis do arquiteto Carlo Scarpa e alongou uma perna ou um encosto. Alguns chegam no teto, outros caem do teto e por pouco não encostam no chão. Mas fez tanto sentido. Ugo Levi, filho de banqueiros judeus, compositor e linguista, era bicha enrustida e a Olga era seu casamento de fachada.

(...)

Lá pensa em dizer, mas não diz, que o tio Reinaldo não deixou descendentes, não deixou a ninguém o legado de sua miséria, mas então pensa que, se ela e o primo Lucas não são os descendentes legais, ao menos podem ser em espírito. Diz que quer fazer algo como a instalação do pavilhão português, e que ele, Lucas, poderia fazer parte disso. Ainda não pensa numa fundação, com membros e estatuto, sede e ideais, mas é nesse momento que a Fundação Reinaldo Levi nasce, ao menos dentro dela.

Alguns dias depois da viagem, já de volta a Bruxelas, ao escritório, a sua vida, ela escreve uma emenda ao primeiro relato sobre a tal fundação original, pedindo todas as vênias, afinal ela é “só advogada” e o “curador” sou eu...

Fondazione Ugo e Olga Levi (cont.)

Fiquei obcecada com esse lugar. Não sei se você vai conseguir ir pra Veneza antes de acabar a Bienal, são só mais duas semanas e agora com a acua alta é capaz de fecharem tudo... Tem uma entrevista com a artista em que ela explica a obra – <https://youtu.be/YlykntFYrz8> – e a inspiração dela em trabalhar a partir de peças do Carlos Scarpa, colaborando com os mesmos marceneiros e artesãos de Veneza com quem ele trabalhou, meio que fazendo um remix, algumas peças de borracha que vão “parasitando” as peças de madeira, inspiradas nas “Trepantes” da Lygia Clark... Enfim, eu sou leiga no assunto, você que me explique o que isso significa, esse remix, essa colagem no contexto da arte, essa apropriação ou desapropriação, de tornar público ou híbrido algo que era particular ou íntimo, e como a autoria entra nisso, e também toda essa ideia da Lygia de esculturas como terapia. Depois fui pesquisando a

história dos Levi, o fato do Ugo ter criado a fundação no nome dele e da esposa logo depois da morte dela, e ter tocado a fundação até ele mesmo morrer dez anos depois... Foi tudo muito estranho, a guia brasileira, as cobras da Lygia serpenteando a madeira do Scarpa, e também umas obras no próprio pátio do Palazzo... umas paredonas com um trançado de madeira muito muito parecido com a cabeceira das camas que o meu tio fazia, em madeira branca, e que é a cama em que eu dormia no sítio dos meus pais lá em Ibiúna... Correção: sítio do meu pai, não sei se eu te falei mas faz duas semanas que eles se separaram, e no acordo do divórcio o apartamento ficou pra minha mãe e o sítio pro meu pai...

Combinamos que ela me mandaria o relato das fundações, caótico e fragmentário que fosse, e eu daria uma estrutura àquilo. Seria como a pesquisa de mercado pra quem vai abrir um negócio. Se um padeiro quer abrir uma padaria, precisa conhecer o segmento, a concorrência, a oferta de empadas e suspiros e sonhos – eu, seu correspondente à distância, seu corretor, seu informante de temas brasis.

(...)

Fundação Getúlio Vargas

Sempre achei esse nome estranho. E pesquisando hoje, acho ainda mais bizarro: a FGV foi criada no último ano da ditadura Vargas, em 1944, pra perpetuar o nome dele e formar quadros de administração do país, num momento em que a própria ditadura já dava sinais de fraqueza.

Quero entrar, mas não tenho mais acesso. Provavelmente nem se usa carteirinha: tudo hoje é biométrico, scanner de retina... Checo o site e encontro um evento de debêntures e é o que digo na portaria. Caminho resoluta até a “sala Coca-Cola” (onde há mesmo uma geladeira com infinitas delas) pra não gerar suspeitas, afinal não sei qual é meu status de “ex-aluna jamais formada” ou “filha de ex-professor demitido” perambulando por aqui. Todo mundo é tão novinho e não conheço mais ninguém, faz tantos anos, mas sei que o meu ex, o Renato, está fazendo mestrado aqui e fico imaginando o que aconteceria ao encontrá-lo, qual seria o espanto dele, ele que nem sabe que eu voltei pro Brasil...

Acho engraçado como a distância me faz arrepiar diante de coisas que antes eram tão normais, o nome da faculdade comemorando o ditador fascista, e que mesmo na faculdade de história, mesmo na USP, em que o pessoal supostamente era mais crítico, o Getúlio ainda é consagrado como um herói do desenvolvimento do país, um patriota mais que um nacionalista, ou será que isso mudou desde que eu saí de lá, será que esse herói também caiu...

Paro diante da “Sala Bayer,” está vazia, estranha melancolia das salas de aula sem aula. Entro e acho na prateleira de brindes uma pomadinha Bepantol, o ar de São Paulo tem me dado foliculite. Dentro da “Sala Ibovespa”, dorme um professor enquanto os alunos assistem a um filme antigo, desenho animado, parece. Ao fim do corredor, a “Sala Bradesco” parece convidativa, com sua luz vermelha de motel de estrada, e fico pensando se seria muito egoísta da minha parte escrever pro Renato e ver se ele quer dar uma rapidinha. Depois lembro de outras coisas dele e o tesão passa rapidinho. Fico pensando, se a Fundação do meu tio fosse um prédio enorme, quais seriam os nomes das salas, quem patrocinaria, e quem andaria pelos corredores, que eventos aconteceriam...

(...)

Lá passa o resto da semana visitando as várias fundações paulistanas que julga inspiradoras para a própria, na frequência de duas ou até três por dia, sempre nos hiatos entre um e outro compromisso do pai: ela a mãe e motorista e dona de casa e fundadora e advogada em quántupla jornada de trabalho, ele o filho na escolinha e no cinema e na aula de natação.

Ao final da semana, me visita no trabalho, mas como eu trabalho num museu chamado “Museu” e não numa “Fundação”, este não consta na lista.

Fundação Aron Birman (Parque Burle Marx)

Essa é perto da sua casa, Wal. E é um caso interessante. A fundação em si não quis chamar para si os louros da existência pública, colocando-se como mantenedora de um parque com o nome de outro. Ambos judeus, Birman e Marx, de origem alemã, mas famosos ou infames por razões distintas. Aron era banqueiro e empreiteiro no Sul do Brasil; Burle foi o grande paisagista, modernista, criador das ondinhas em pedra portuguesa da orla de Copacabana, dos jardins botânicos tropicais, criador do Brasil moderno, digamos. O nome de um vem reabilitar a infâmia do outro. O fundador aliás, Rafael Birman, filho do Aron, é empresário de vários negócios, das fábricas de armas aos sistemas ópticos, e obviamente, imobiliários. Arruinado nos anos 90, quis dedicar-se à filantropia: ocupar-se de um parque – privatizado – pra devolver à cidade algo daquilo que suas empreitadas pilharam.

No centro do Parque Burle Marx costumavam ficar as fundações/ruínas de um casarão interminado (por ninguém menos que Niemeyer.) Era assim quando eu era criança: a residência jamais consumada de um tal potentado ítalo-paulistano de nome “Baby” Matarazzo e sua esposa, a “princesa” austríaca Von Furstemberg, na expansão dos círculos monárquicos semi-obsoletos para incluir os recém-enobrecidos descendentes de italianos, ou de judeus, no caso do próprio Marx, o Burle, e dos Birman também.

Hoje há um novo centro no parque, substituindo as ruínas: o Palácio Tangará, “primeiro hotel seis estrelas do Brasil”, horripilante híbrido de Copacabana Palace e condomínio de prédios enclausurando piscinas inóspitas, como proliferam no Morumbi e aliás na cidade inteira em geral. Esta parte é cercada para o público. Tangará, nome de um passarinho muito fofo que ronda a Mata Atlântica do Sul ao Nordeste, vem do Tupi “ata” “carã”, algo como “andar em volta.” Em volta de algo ou em volta do nada, não sei.

Envolvendo o grotesco Tangará está o incrível espelho d’água do Burle, remanescente do projeto original e verdadeira obra de arte, misto de mural e escultura cinética, escultura e paisagem, como promessa de um país que poderia ter sido mas não foi, mas também como lembrança dos laços inevitáveis entre os empreiteiros e magnatas Birman e os artistas e arquitetos Marx.

Sentada à sombra de uma Paineira-Rosa, me lembro das pães que eu e minha mãe catávamos nas calçadas do bairro pra fazer travesseiros, e que nunca realmente fizemos isso, nunca fizemos os travesseiros, ficava sempre na promessa, e então lembro que uma única vez peguei um único punhado de pão e fiz um travesseiro para as minhas bonecas, sem que minha mãe soubesse, mas o travesseiro era apenas a própria pão, sem revestimento nem almofada, e no dia seguinte o vento soprou ou a empregada limpou ou eu me cansei daquela forma.

Pesquisando sobre o Burle e anotando as ideias pra este “dossier”, descobro a história da morte do arquiteto ítalo-paulistano-judeu Rino Levi – quem sabe também meu parente? – durante uma expedição botânica com o amigo Burle Marx à Chapada Diamantina, em busca de bromélias exóticas. Morreu de infarte no Morrão do Chapéu. Uma morte bonita, antológica, paisagística, com um certo romantismo e aventura, digna de um belo epitáfio. Quem sabe se meu tio Reinaldo, Rei Levi, parente distante de Rino, distante mesmo, do clã israelita dos Levi – os sub-sacerdotes, cuidadores do Templo, – não tivesse morrido num Morrão mais charmoso que o de seu sítio esquecido na estrada de Ibiúna, quem sabe não teria merecido ao menos um jazigo.

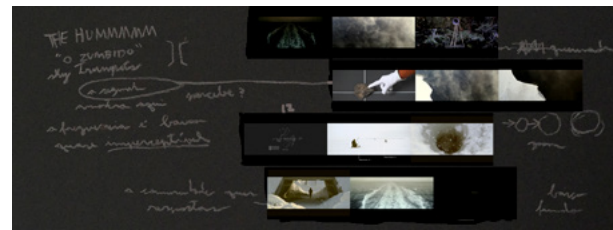
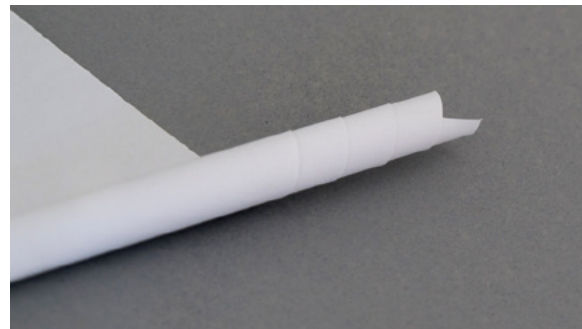
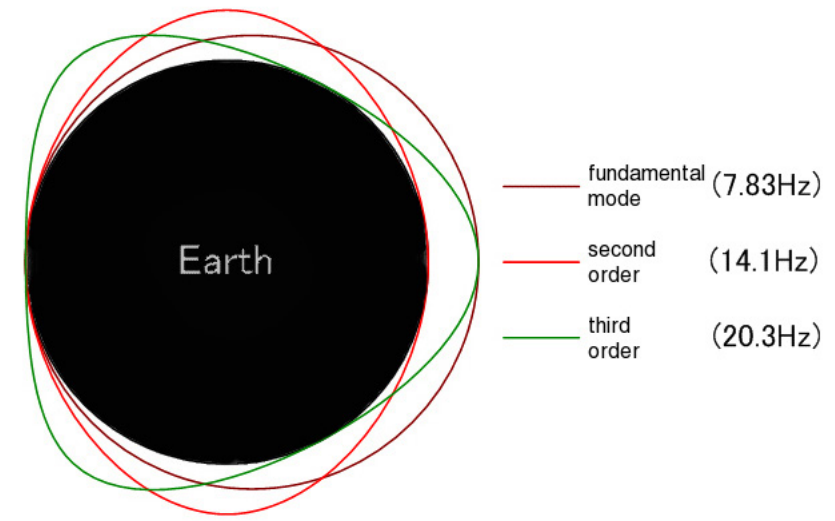
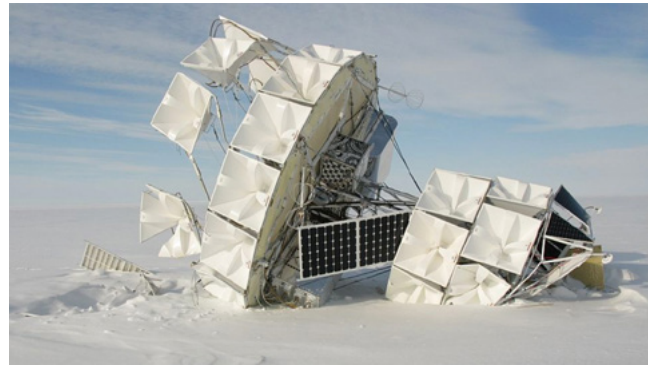
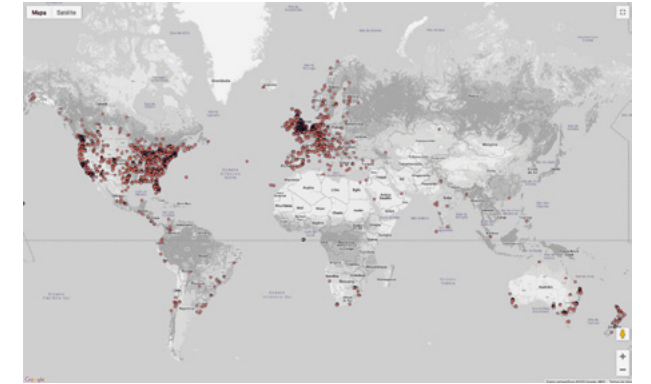
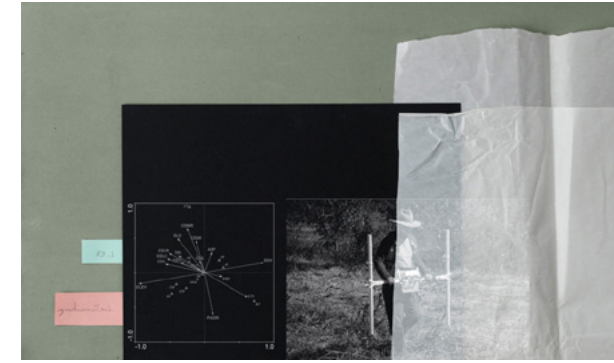
Me lembro da vez em que vim com meu primo Lucas e com o tio Rei passear no Burle Marx. Eu tinha dez, o Lucas doze. O Rei tinha quarenta. Meio que afobada por toda aquela natureza no meio da cidade, resolvi levar os dois pra dentro de uma trilha mais selvagem, caçando marismas-vergonha e fazendo guerrinha com elas. Acabamos nos perdendo e pensando que íamos ter de comer jabuticabas pelo resto de nossas vidas, cutucando cupinzais e lambendo líquens, entrando pra dentro da mata qual bandeirantes, fundando cidades, mas ninguém morreu ao fim dessa expedição, não ainda, chegamos numa clareira, num descampado com abelhas e formigas, um rombo na mata que lembrava uma savana, a paisagem transitando entre jardim botânico, floresta, matagal e campo, na ex-fazenda de chá, do lado do lago do paisagista, com suas ilhas artificiais flutuantes, com plantas nativas que filtram a água, essas se chamam “marantas”, e as outras eram chifres-de-veado e magnólias, samambaias e bromélias, e uma hora eu fiquei com medo de nunca poder voltar e o Lucas também ficou e o Rei decidiu que sabia a trilha de volta e que a história de que a gente tinha se perdido não passava de mais uma de suas pegadinhas, mas essa memória talvez seja falsa, talvez seja afetiva, talvez já seja fruto – e não origem – da minha pesquisa.

(...)

Walter Solon (1992, São Paulo) é escritor e assistente curatorial no Museu da Luz.

Laura Levi (1992, São Paulo) é advogada especializada em migração e direitos humanos, atuante em Bruxelas.

Com apoio do Ministério da Cultura e Ciência do Estado de Renânia do Norte-Vestfália, da Kunststiftung NRW e do Goethe-Institut São Paulo



00:01:54:28

tudo leva a crer que há um padrão...

... um sistema complexo.

chamamos esses fatos de ocorrências

tendo em vista que surgiram esporadicamente

um som de baixa frequência tem sido relatado

...em diversas partes do mundo

sim, os relatos são semelhantes

e a presença dos gases

o algoritmo foi categórico...

há uma interconexão com as queimadas tropicais

calma, estamos monitorando isso por lá.

meus dados são insuficientes até o momento

precisamos de tempo.

e evitar 'aquele' termo

não é conveniente

mas a comunidade quer respostas

o tempo está se esgotando

os dados estão sendo analisados

ainda é cedo

não há um algoritmo de projeção seguro

não agora

a segunda amostra, aqui

percebe?

essa variação não consta no relatório anterior

não faz sentido

devemos ocultar isso

tratar como uma anomalia?

não use este termo

siga o protocolo.. não é seguro

esconder isso poderia alterar o resultado

claro que mudaria

escute, não seria adequado agora

então quando?

mais tarde.

precisamos inserir os dados atuais

o colapso é inevitável

o algoritmo anterior estava incorreto

quanto tempo falta ?

não sabemos

aguarde mais um pouco.

as queimadas estão aumentando.

00:04:50:23

'um diálogo entre cientistas; a necessidade da espera para se obter resultados conclusivos a partir de experimentos e algoritmos; as ações antrópicas que afetam lugares distintos do globo, pois tudo está interconectado no ecossistema.'

The Hummmmm | 21:9 | 9'50" | estéreo | cor

Desligar as luzes de casa coletivamente às 21h e mantê-las desligadas até sentir vontade de reacendê-las.

Em 22 de abril de 2020

Em 22 de abril de 2020, a proposição da performance *Idade da meia-luz*, de Helô Sanvoy, se espalhou pelas mídias sociais. Ao longo dos próximos dias, foram recebidos relatos, registros e impressões de quem participou.

Sonia Costa –

Eu acho que o que eu tenho assim pra falar, que ficou pra mim mais forte, é sobre a ação, sobre ter feito a ação, é, foi que, eu percebi que tem um discurso muito forte, né, a respeito da possibilidade que a pandemia tá trazendo... de interiorização, né, de mergulho na gente mesmo, da gente ter uma oportunidade de ficar com a gente mesmo. E quando eu fiz a ação, foi a primeira coisa que eu percebi, foi o quanto que isso não estava acontecendo comigo, né, muito pelo contrário, porque eu tenho trabalhado de forma remota, então fico muito tempo no computador, sempre muito tempo no computador falando com amigos, com familiares, né. E quando você me falou, logo de cara eu quis fazer, porque na minha infância, eu morei numa cidade muito pequenininha no interior da Bahia, e lá não tinha energia elétrica, era tudo com candeeiro, eu tenho muito forte esses tempos na minha memória, assim, é tempo que eu lembro de muita beleza, assim, pra mim, sabe. E dae, na sequência, quando chegou a energia elétrica, funcionava assim, mais ou menos das sete da noite às nove, depois eles cortavam a luz, né, encerrava o gerador. Então eu tenho muito forte essa memória, então quando você falou, na hora eu já tive vontade de fazer, né. E aí, eu apaguei. Na verdade eu apaguei, eu me lembro que eu apaguei a luz até um pouco antes do momento que você pediu, é, e fiquei bastante tempo com ela apagada, né. Inclusive, eu tomei banho com ela apagada. Deixei a casa toda apagada, e meu marido e minha filha também tava em casa e super gostaram, eu falei pra eles e tal. E a gente teve essa possibilidade, é, ao mesmo tempo que havia essa possibilidade de perceber mais essa presença do fora, né, através da janela, essa luminosidade, essa cidade, né. No mesmo tempo que abriu essa possibilidade, mas foi através, quando eu estava contemplando essa janela, né, essa escuridão, que eu percebi o quanto que eu estava me sentindo ali, pela primeira vez na pandemia de fato recolhida, de fato, com a possibilidade de ficar em mim, comigo mesma. Inclusive, vale te dizer que depois desse dia, muitas vezes eu tenho feito isso à noite. Eu apago a luz e minha família super tem curtido. Assim, eu tomo banho com a luz apagada, porque eu percebi o quanto que esse estado favoreceu essa interiorização, levou pra um lugar de uma alteração na minha sensibilidade, na minha percepção a respeito de mim mesma, numa conexão com um estado um pouco mais sensível, né, de uma percepção mais sensível. Então foi muito bom pra mim, foi muito poético e ao mesmo tempo me trouxe um lugar de um aconchego de um acolhimento muito grande por mexer nessa memória, é uma boa memória também da minha infância. A ação me permitiu perceber esse fora, esse dentro, e o que é de fato a possibilidade de estar dentro, porque estar dentro de casa simplesmente não quer dizer que estou indo para dentro de mim, né.



Vinícios Reis Galvão –

Eu apaguei as luzes e me deitei na cama, e fiquei escutando o som das coisas na rua, tentando não pensar em muita coisa, vendo até onde eu, assim, aguentava ficar com as luzes apagadas sem me incomodar. Acho que eu me levantei, tomei uma água ou fui pegar alguma coisa na cozinha e voltei a deitar, até que uma hora eu adormeci.

Andrea Rehder –

Como eu tenho uma família grande, três filhos estavam em casa e o marido, para mim foi uma ação que eu tive que preparar com uma certa antecedência. Então, à tarde, comecei a avisar todo mundo aqui na minha casa, havia muito home office. O horário era bom, interessante. Quando começou a chegar dez para as nove, eu comecei a avisar a turma, ia para um quarto, ia para outra sala, ia para os cantos dos meninos, do meu marido, explicando que, nove e zero em ponto, tinha que ser uma atitude juntos. Eu já tinha apagado praticamente todas as outras luzes e deixei para o último instante... que os meninos mesmo participassem também. Eles não entenderam, reclamaram um pouco. Eu disse que era uma ação sua, do Helô Sanvoy, e eles conhecem você, conhecem o seu trabalho e acabaram rapidamente apagando as luzes. Deu nove e zero, eu estava em uma escuridão. Minha casa tem muita janela. E o que me fez sentir naquele momento é que, na hora que virou uma escuridão, as coisas começaram obviamente a clarearem, a vista da gente se acostuma, o silêncio acostuma. Eu consegui segurar essa ação por uns sete minutos no máximo, entre cinco e sete. Mas eu mesma fiquei sentada em uma ala da casa onde eu fiquei por muito tempo, por mais de meia hora. Eu não consegui segurar essa ação no quarto da turma mais distante de onde eu estava. E era impressionante, porque você nota a luz que vem de fora. A cidade conversa com você, dentro de um silêncio que reflete a cidade, o movimento, as pessoas, o que elas estão fazendo, em que momento elas devem estar. É quase que um coração batendo, do lado de fora. E é como se você tivesse em uma certa quietude, e eles, em uma inquietude. Foi muito interessante para mim. Eu sentei exatamente nessa quina dessa imagem que você está vendo aí, que tem uma quina de sofá preto. E ali eu fiquei deitada, meio sentada, meio deitada. Eu tinha uma visão ampla de tudo, eu estava em um lugar que beneficiou muito essa ação.



Adriano Braga –

A questão é que eu não me lembro ao certo o que fizemos aquele dia aqui em casa. Lembro que apaguei e ainda assim dava pra ver muita coisa. Lembro que pra mim teve muito impacto sua proposição, que me tocou. Se eu não me engano, já estávamos preparando algo pra comer e assistimos algo antes de dormir.

Aqui em casa tudo é mais penumbroso mesmo. Já até acostumei com isso. Meu namorado já se incomoda e gosta mais de entrada de luz natural. Conversamos sobre isso também quando fomos construir nossa casa. Com a proposição eu também fui levado pra esse lugar, fiquei pensando que seria uma conexão fantástica se todos fossem levados a apagar a luz esse horário. Meio como que conectando pela luz só que pela escuridão. Um voltar pra dentro.

Fiquei pensando em outros horários. Tipo meia noite. Ainda que muitas pessoas não tivessem conscientes de ter se apagado para a ação, seriam partícipes. E estaríamos mais ainda conectados...

Viajei horrores.

Pra mim o que tava em jogo era um sentimento de comungar.

É isso, foi singelo e bonito demais!



Dheyne de Souza –

enquanto as luzes em sombra
na cidade quieta e movediça
as estrelas dizem por este instante
meias-verdades piscam



Walter Solon –

Logo depois de mandar a foto, tava almoçando no escuro, jantando no escuro, daí meu irmão entrou na sala e perguntou o que eu tava fazendo, eu expliquei a performance, e o conceito da performance e falei: acender a luz... deixar a luz apagada até sentir vontade de reacendê-la. Daí meu irmão interpretou isso como autorização pra ele imediatamente reacender a luz, e ele acendeu a luz da sala, então durou muito pouco tempo.

Júlia Rocha –

Eu não apaguei a luz, mas apaguei a cabeça e fiquei pensando nas luzes apagadas e as pessoas se movendo no escuro e foi bonito.

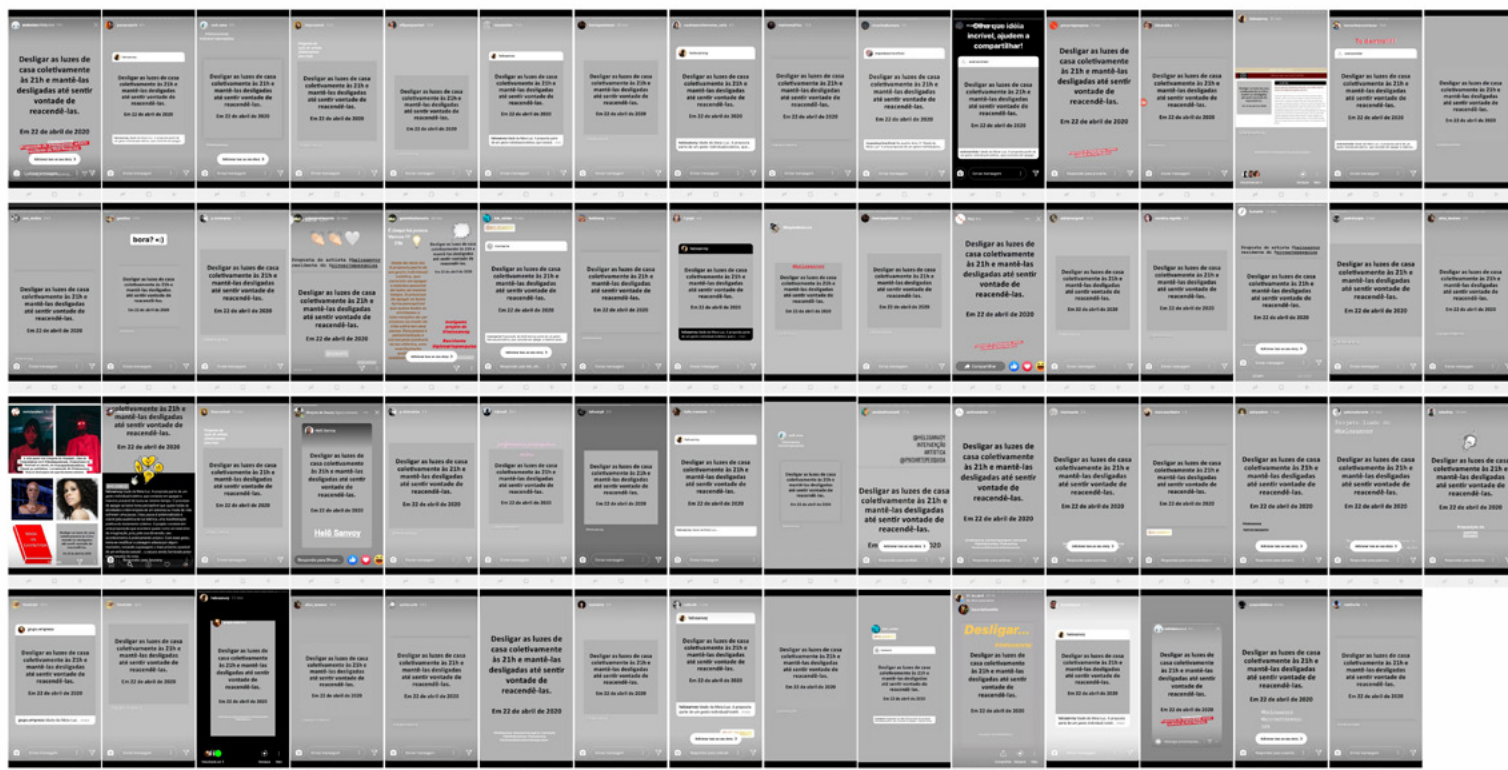
Hélio Menezes –

no horário marcado - em realidade, uns minutos antes - desliguei as luzes de casa, estendi uma canga na varanda e, atendendo ao convite, sentei-me no escuro. iluminado apenas pelas luzes de fora que restavam acesas e que, pela janela, chegavam e me comunicavam. mas ali, naqueles momentos de breu, eram sobretudo as sacadas escuras, as janelas sem claridade, as luzes apagadas que me convidavam à conversa silenciosa. estariam elas - sacadas, janelas e luzes - praticando o mesmo jogo que eu praticava? tomavam elas também parte da coreografia coletiva proposta pelo Sanvoy? será que o fazem de modo deliberado? se não, isso faz qualquer diferença? esse bailado que propõe quietar uma megalópole industrial, convidando-a a colher matéria da escuridão e dela se fartar - essa dança de muitos, e ao mesmo tempo sem par, aonde nos levaria? quanto a mim, fui levado a uma emaranhado de questionamentos que dispersavam sobre condições de diálogos não-verbais, de interações não-mediados por telas e infernais aparatos (sobretudo, embora não só, em tempos sanitariamente críticos de isolamento), de contatos ativados pelo gesto comum-e-desacompanhado, solitário-e-coletivo, de desligar as luzes ao mesmo tempo, por um tempo, e lá ficar(mos). Vi-me, assim, numa espécie de voyerismo às avessas, perscrutando as lâmpadas enfim descansadas das janelas que meus olhos alcançavam enxergar, dentro do pedaço de horizonte que a varanda de casa me concede.

ali, sentado no escuro, confabulava com Mbembe como sair da grande noite. e ri, ao final, pensando: mas que palpite infeliz de quem busca cantar apesar de fazer escuro... se é nele, com ele, dentro dele - do escuro, do negrume - que brota todo canto, todo som? sem espaço para mas ou demais partículas adversativas. verso por verso, relembro e me agarro ao Rosa em suas Veredas: “não convém fazer escândalo de começo; só aos poucos é que o escuro é claro...”

A proposta parte de um gesto individual/coletivo, que consiste em apagar o máximo possível de luzes ao mesmo tempo. O processo de apagar as luzes torna perceptível que quase todas as atividades e intervenções de um sistema ou modo de vida sofreram uma pausa. Essa pausa é potencializada e visível pela ausência de luz elétrica, uma manifestação poética do isolamento coletivo. O projeto consiste em uma proposição que acontece quase como um exercício de imaginação, pois, pela sua dimensão, seu acontecimento é praticamente utópico. Com esse gesto, tenta-se modificar a paisagem urbana por algum momento, tornando a paisagem o mais próximo possível de um ambiente natural – o escuro sendo iluminado pelas luzes naturais da noite.

Desligar as luzes de casa e mantê-las desligadas até sentir vontade de ligá-las novamente.



Divulgação em Stories no Instagram

paisagem de trechos dos e-mails escritos na residência remota entre 25/03 e 23/05, e-mails para livia e marcela, para o grupo de residentes, para leo, para raquel para maria e para germano.

duas inserções não estavam presentes no corpo dos e-mails “sinais não podem ser narrados”, recorte da tradução de rodrigo lobo, poema de diane di prima e “escrever bobagens sobre a neve / para os ricos / não é arte.” de kobayashi issa, traduzido por cide piquet num pdf distribuído na pandemia encaminhado para mim pela erica zingano e que passei para maria.

lembro-me de citar as fontes das referências que usei, a não ser as seguintes: “não pude ir” recorte do poema de angélica freitas ; “não pude ir” recorte do poema de ledusha.

as palavras tem esse lugar as palavras tem
 de poder alcançar qualquer coisa
 bebada: qualquer coisa a tracey emin está fazendo o instagram dela dentro do
 assusta assusta
 alcançar qualquer coisa (cão)
 ser estar invisível assusta muito mando o texto aqui:
 e ainda assim contagiar e ser contaminada pelos outros,
 como um vírus não quis hoje na paulista embaixo da placa “preciso de ajuda com a
 ração”, estava tomando um banho de sol esse cão de unhas
 pintadas de rosa. na hora pensei no mainstream pierre
 sim, a espreita huyghe e lembrei da famosa frase do robert filliou
 mais uma mediação, não. “arte é o que faz a vida ser mais interessante que a arte”
 o cultivo

não poder pode acontecer

não pode ir a espreita

cair essa chuva que estávamos esperando que caísse essa chuva
 byung-chul han

ser um vírus invisível voltando com tudo uma periodicidade é bom?
 cansaço positividade excessiva o q foi soterrado

difícil na balança
 difícil a experiência

vocês suspender o vazamento de óleo no nordeste
 as lamas da vale
 as eleições colapsando

se conhecer poupança e saneamento básico) espécies
 geleiras

ser invisível é uma tarefa impossível CO2

mas anima espaço público.

é bonito desaparecer - um contra-peso a pandemia assunto consumido devorado e cuspidado
 (não tem fora) bicho

não fixar a monja varrendo a rua pra dentro de casa

amanhã será igual “stories are propaganda” philippe parreño
 não dar contorno para uma imagem isso nunca tinha acontecido
 amanhã não posso, isso nunca tinha acontecido

e na terra equivar como um golpe de ataque

igual

meu descobrindo nome e eu a cada encontro
 estaremos durante

7 minutos a cada feijão

só precisa de um espaço no chão

os livros certamente são os monumentos que

mais admiro reincidências coreográficas

porque são baratos

uma interferência e contém muitas coisas -círculos (reunião)
 assim como caminhar

um andar de mãos dadas -um jogo de futebol
 e dormir o horizonte mais distante de futuro - 50 mil pessoas no estádio

(explico em breve)

dormir

dormir

dormir -unhas no busão

dormir alterei as últimas palavras

estamos vivendo

dormir trabalhar duas vezes na mesma coisa

dormir

até, dormir tó na escuta

dormir vamos de unhas,

dormir uma ponte entre as nuvens na parede,
 (vou pro terceiro copo resquício dos humanos e depois a unha do cachorro
) o gesto mais sofisticado. introduzindo as presenças humanas -

texto:

você consegue ver

alguém cortou as unhas no busão

primeiro pensei não cortem

as unhas no busão

depois

vi um céu cheio de luas

não mais invisível já me prenderam nessa teia

mordi um bicho da seda que se alojou num pote de granola como se fosse um pedaço de

amêndoa

cuspi

a língua sabe na hora o que não se deve engolir

grudei um farelo na ponta do dedo,

coloquei na boca ,

cuspi

bicho

isso nunca tinha acontecido

isso nunca tinha acontecido

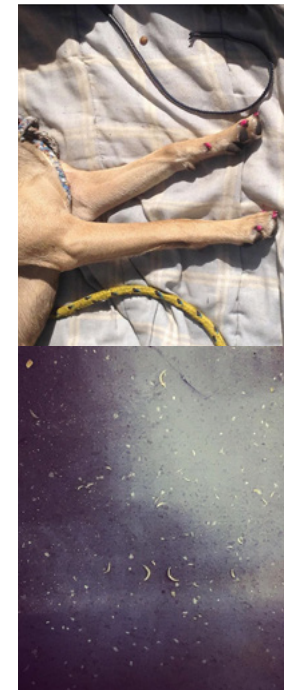
de terça a sexta a partir das três e meia é bom

sexta sim,

, gostei muito da jac -

o ritmo,

quem sabe vocês veem outra coisa do q eu já vi.



um restaurante e me sento na mesa com germano dushá.
uma mesa comprida em que ele monta dois lados : um com bichos e peixes coloridos (tons de azul); e outro com lagostas (tom laranja). ele me diz que um lado é o italo calvino, espécie de realismo fantástico; e outro lado é a lya luft (é ela mesmo?), realismo concreto. e me pergunta onde estou em relação aos dois. parece que o lado do italo as coisas são de mentira, de plástico, e o lado da lya, as coisas são de verdade. digo que estou entre os dois não estou em um lado ou em outro digo que as duas características estão no meu trabalho o real e o fantástico.

não é
não tem
mundo muito doente
fazer um grão de bico e lutar por justiça climática.

de volta na semana q vem,
turbulência

ri. “Peço desculpas pela interrupção
ensão.”

nossos trabalhos atrapalham
é uma pena.

pisei na grama
quando morei no rio de janeiro e trabalhei lá,
era assim, ia pro ensaio e passava na frente do mar. voltava e via o morro aquelas pedras
enormes e pensei, as pessoas, mesmo sem se darem conta, sabem que seus problemas
são pequenos, porque estão o tempo todo olhando pro tempo geológico, e olhar faz
toda a diferença.
antes de ir fazer a peça eu ia pra praia tomar um banho e fazia a peça com sal no corpo.
dançar com o corpo de mar. ali num teatro fechado no sesc copacabana. outro dia ouvi
uma entrevista da adriana calcanhoto e ela também falava isso dos cariocas, do rio, de
ver a vista, é muito forte.

algo que não faço a menor ideia
não sei mais o que são reuniões.
a imagem de uma queda livre em paraquedas que o ailton falou.
paraquedas multicoloridos.

estou falando tudo isso porque uma das questões que ficou
pendurada pra mim para a ana montenegro é sobre fazer uma
obra que a entrada é o mesmo protocolo que enfrentamos
e desaparecer ali
sempre : “fazer cadastros, preencher as lacunas, formulários
subir imagens” e pessoalmente isso pra mim é insuportável.
então gostaria de ter perguntado que apesar da força que
tem infiltrar obras no saguão “livre” do moma, o percurso, o
caminho é a mesma burocracia generalizante de sempre : sexo:
feminino masculino.
voltando ao meio é a mensagem, o que podemos fazer nesse
meio-tela onde aparentemente é super flexível, plástico, onde
as pessoas sentem q tem autonomia, mas não tem. porque
autonomia não é ficar entrando e saindo e clicando.....

sinais não podem ser narrados

iria na categoria ensaios visuais ou ensaios escritos?

tenho material, todo meu material de e-mail, este incluso, tem a ver com o meu processo de escrita, elaboração de pensamento, e da tentativa de estabelecer
uma conversa

acho que pode estar tudo junto num parágrafo,
qq dúvida estou por aqui,
mexi um pouquinho mais na direção da informação,

sobre a cheia, sim,
também adoro e-mails.
é mensal, por e-mail
a de maio, 15 reais
e se quiser receber todo mês até agosto, 50
(enviamos a cada lua cheia)

é o corpo, movendo”.

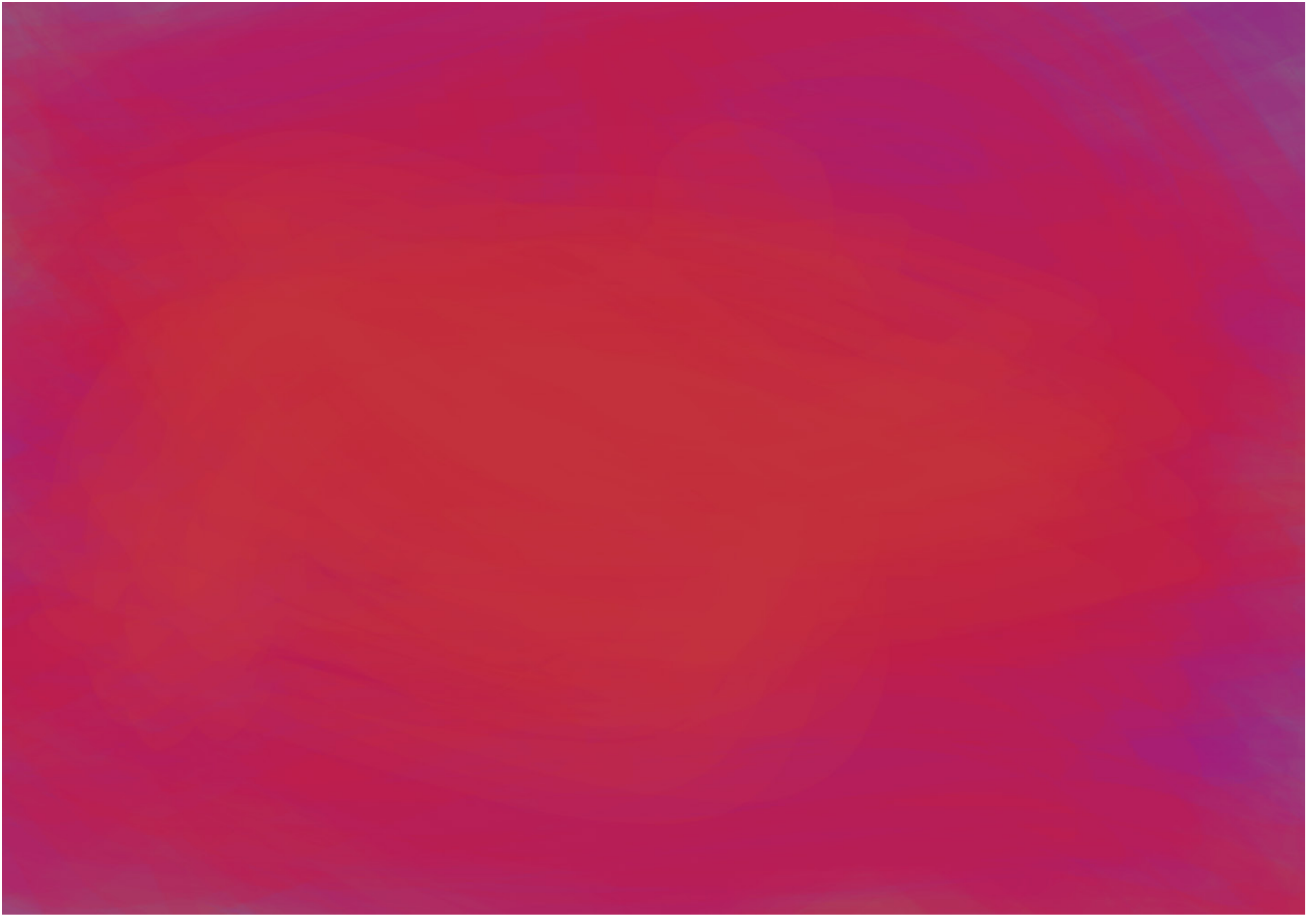
é muito longe?

o que está e o que não está

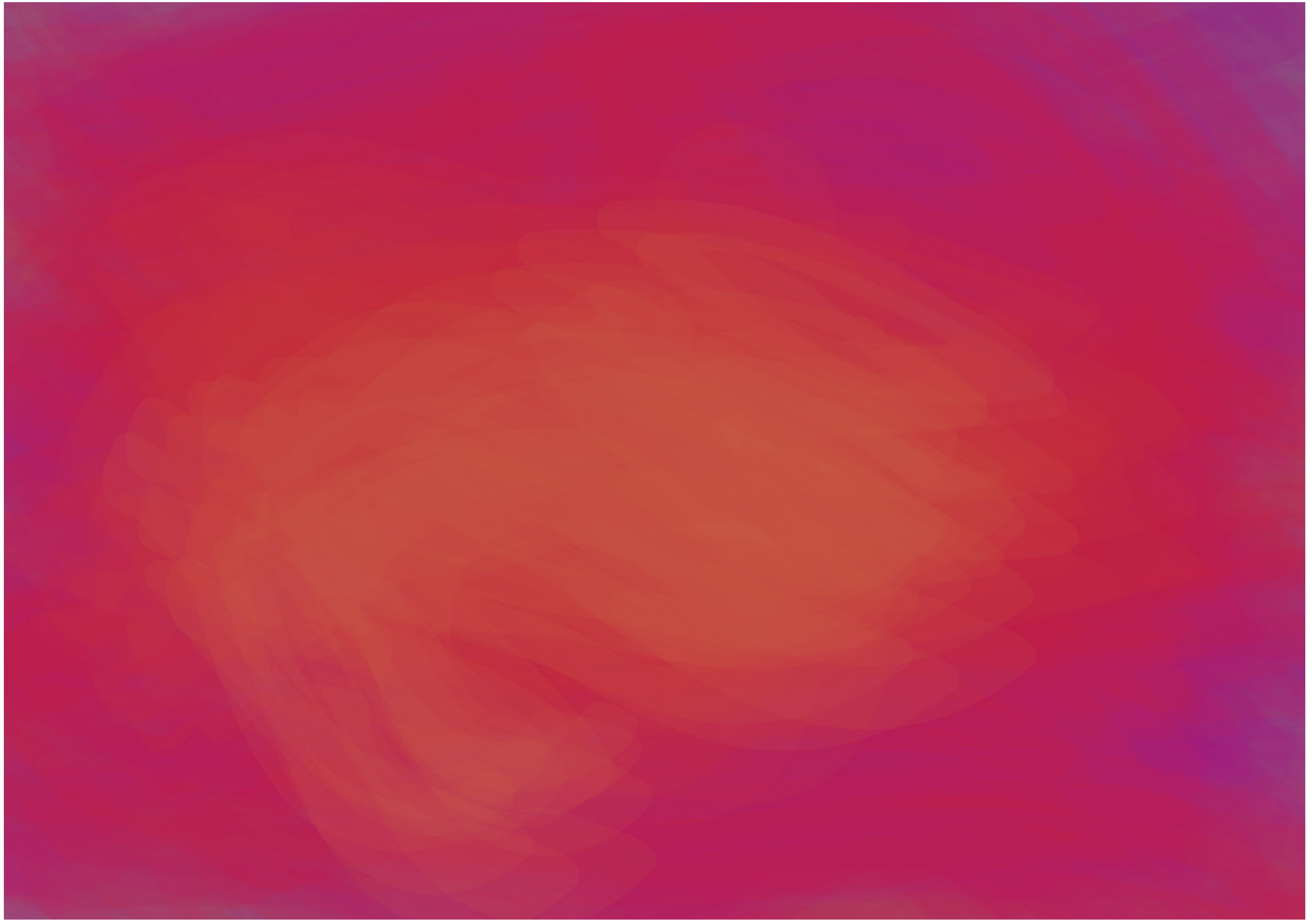
este momento.

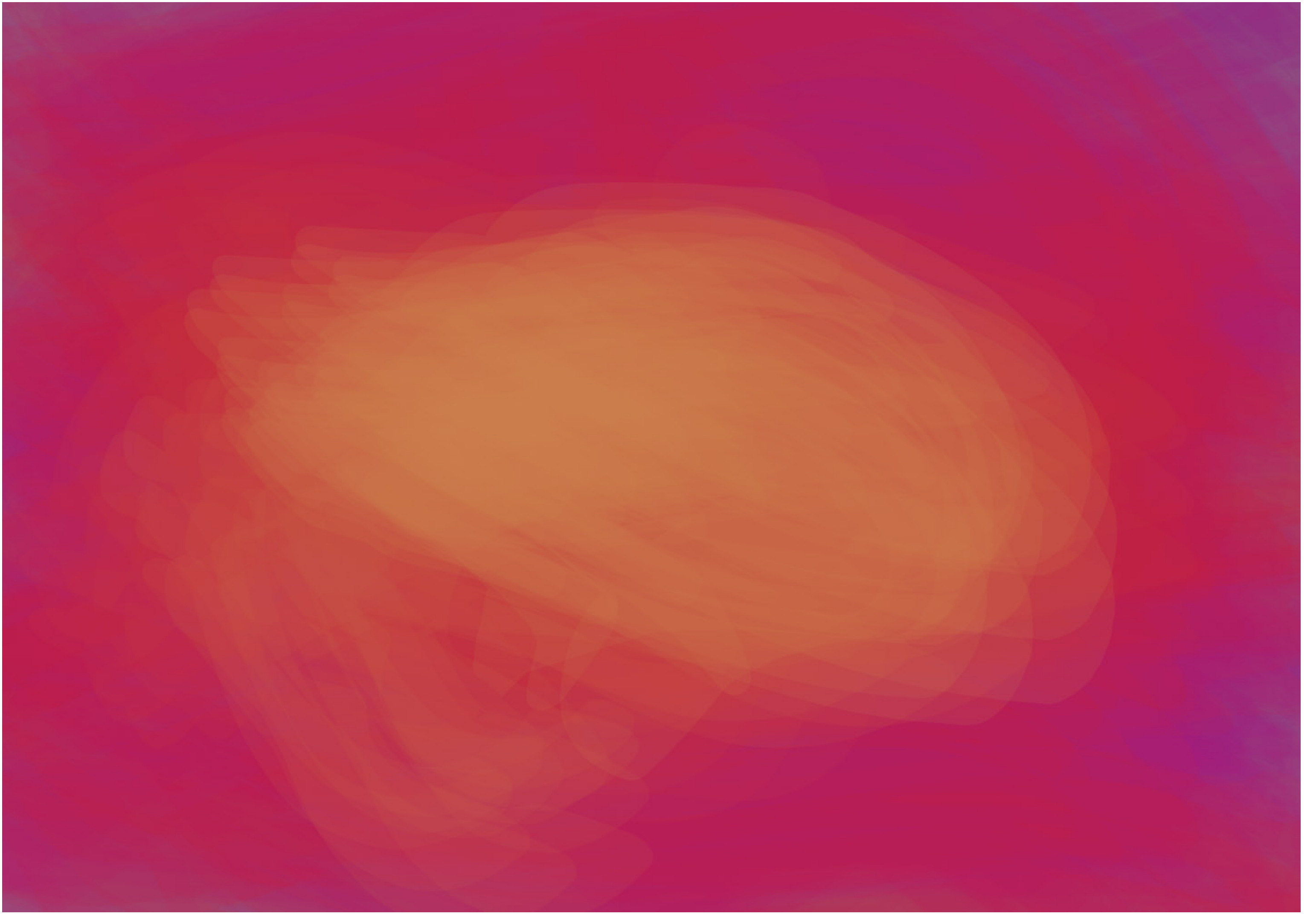
issa!

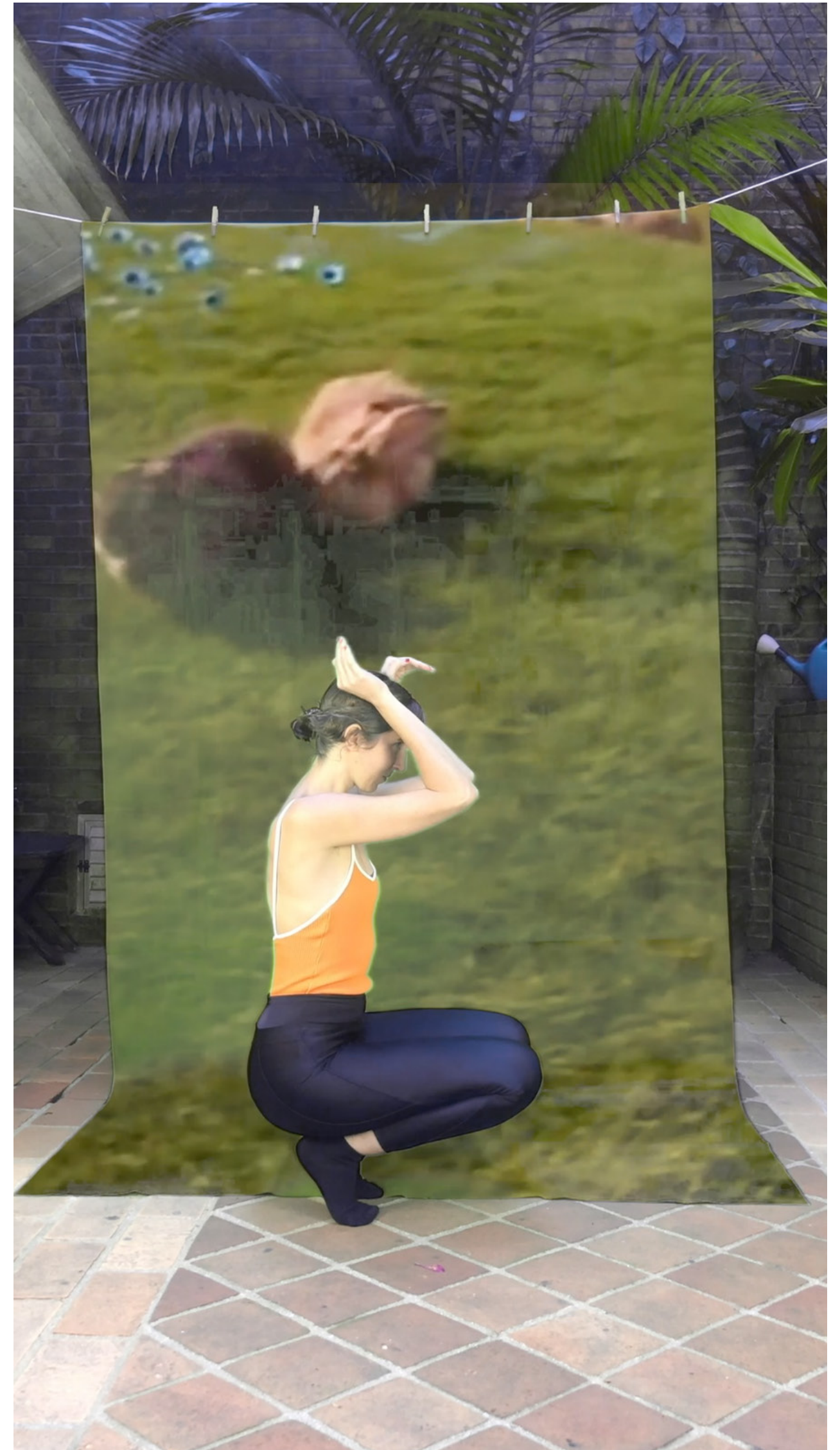
escrever bobagens sobre a neve
para os ricos
não é arte.













EDMILSON 17/7/85

Poesias de um Edmilson encontradas apagadas na primeira edição de Quizumba, 1983, do poeta Roberto Piva, publicado pela Global Editora.

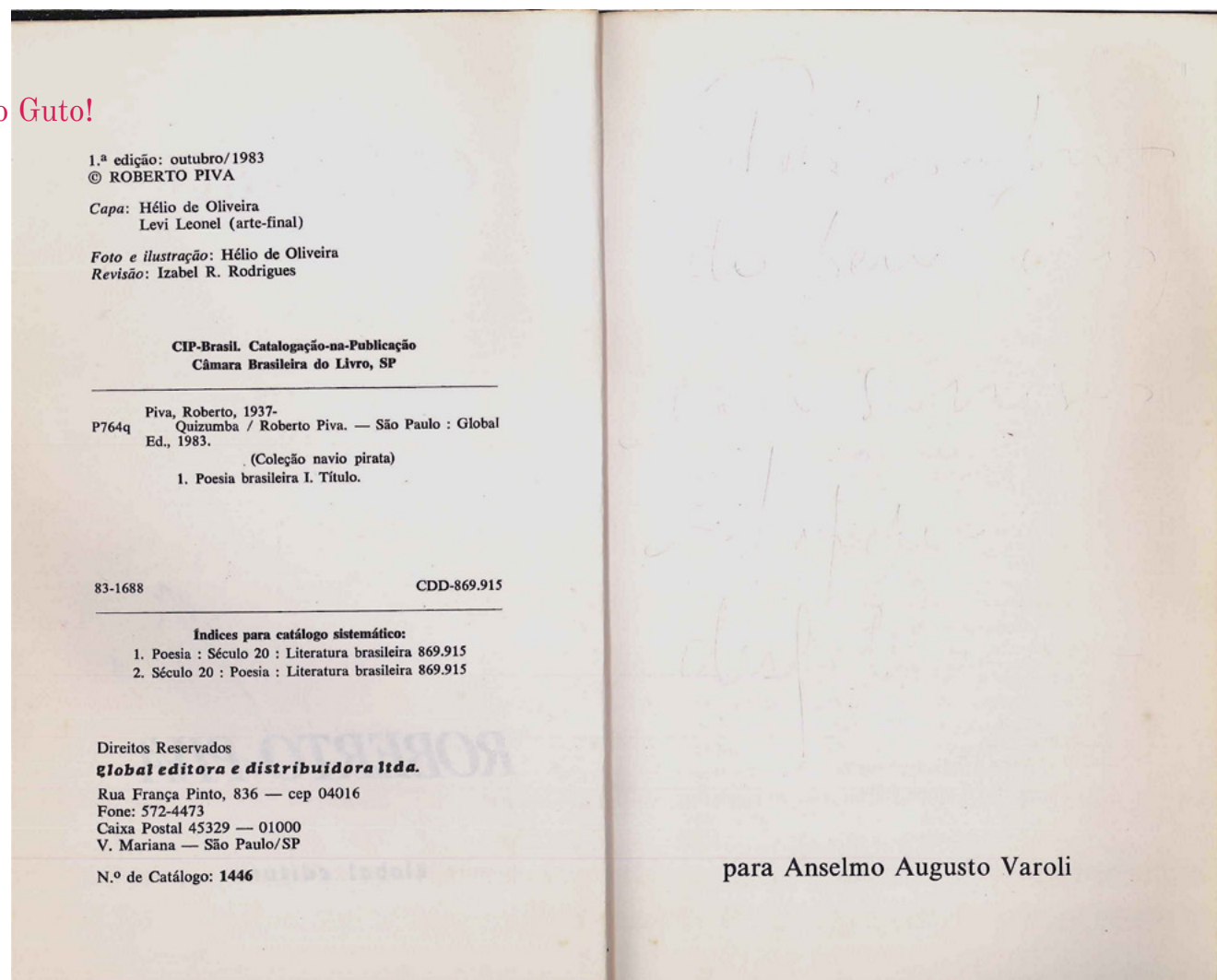
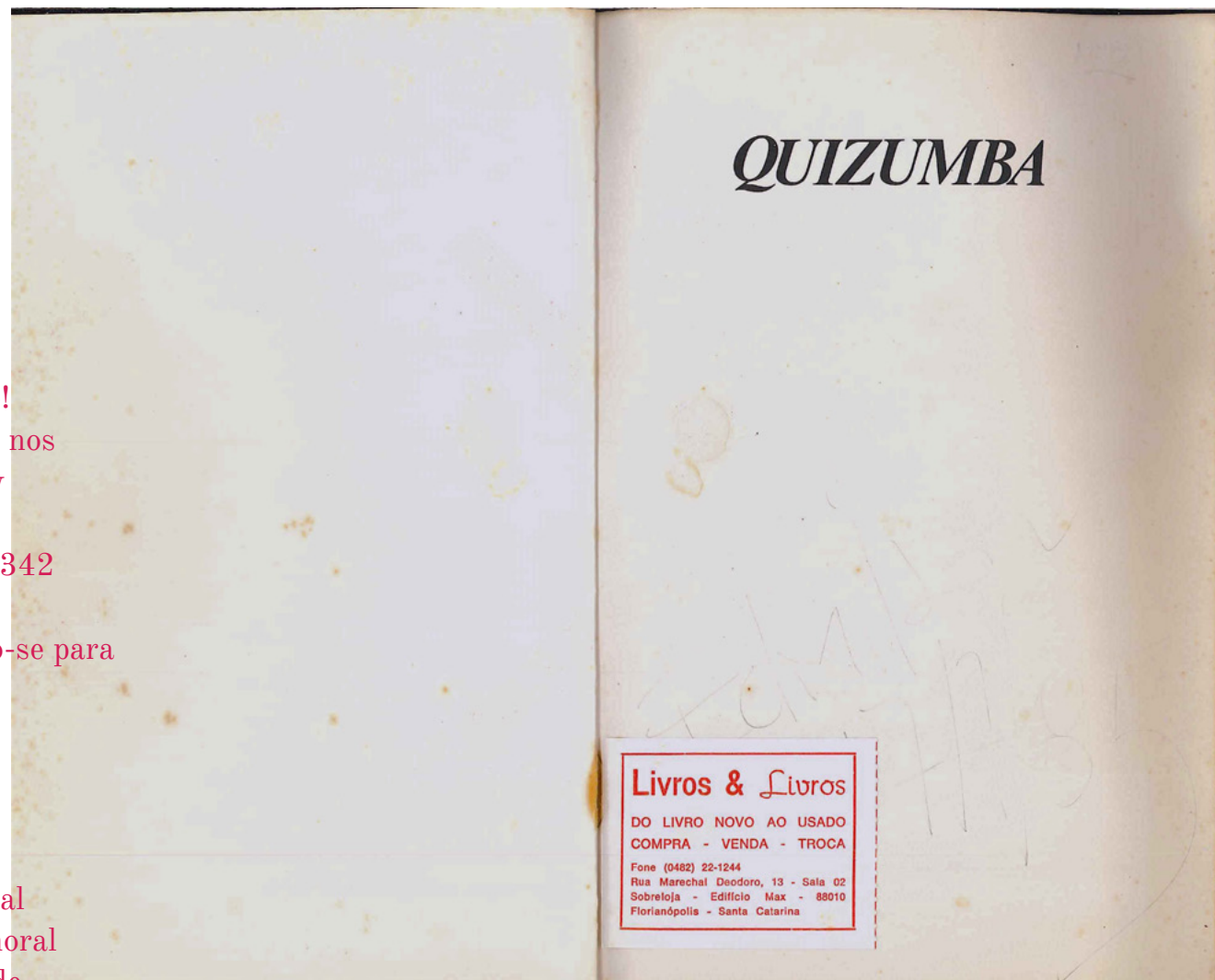
Transcrição e organização por Matheus Chiaratti.

Quizumba. *Bras. Pop.* Conflito em que se envolvem numerosas pessoas. [Sin. (nesta acepç.), quase todos eles bras. e pop.: *arruaça, confusão, embrulhada, desordem, banzê, rixa, água-suja, alteração, angu, angu-de-carço, arranca-rabo, arregaço, arrelia, bagaço, banzê-de-cuia, banzeiro, bruega, chinfrim, coisa-feita, cú-de-boi, esparramo, esporro, estalada, estripulia, estrago, estrupício, fecha, fecha-fecha, forrobodó, furdúncio, fusuê, pega, pega-pega, quebra-quebra, salseiro, sarapatel, sarrabulho, surumbamba, tempo-quente, aperta-chico, arranca-toco, baderna, bafafá, bafa, banguelê, berzabum, destranque, fandango, frevo, fuba, gangolina, grude, pampeiro, perequê, perereco, pipoco, porqueira, quebra-rabicho, safarrascada, sangangu, sururu, trança, trovoada, turundundum, rífjfi]. **Roberto Piva***

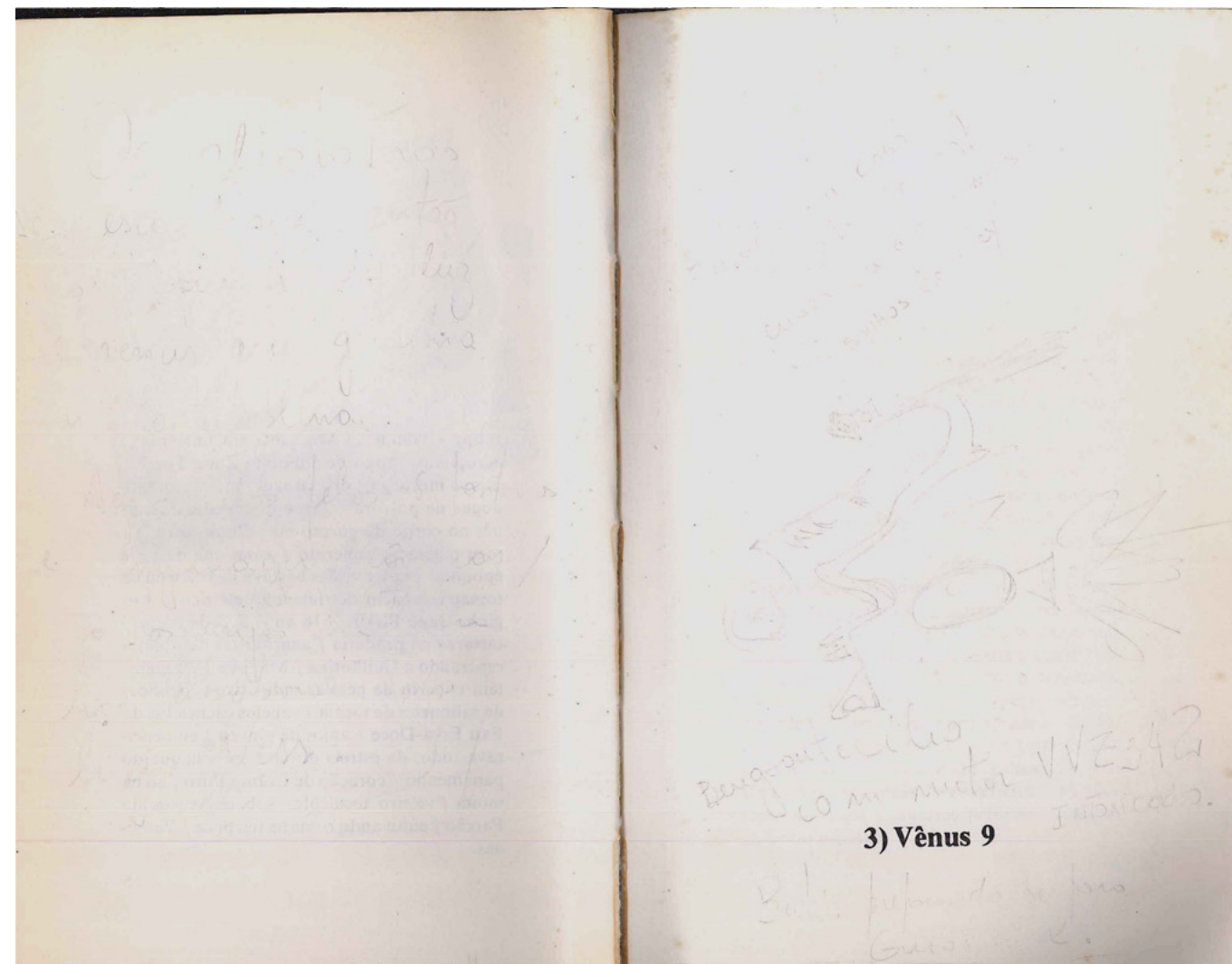
Pra sombra
do benefício
em sorrisos
estúpidos
desfolho-me

Invado em casa
Na porta esbarro!
Cuspo em grosso nos
sonhos de Harley
Bengoout ocilio
Com motor VVZ342
Intoxicado
Bulio preparando-se para
Guararema.

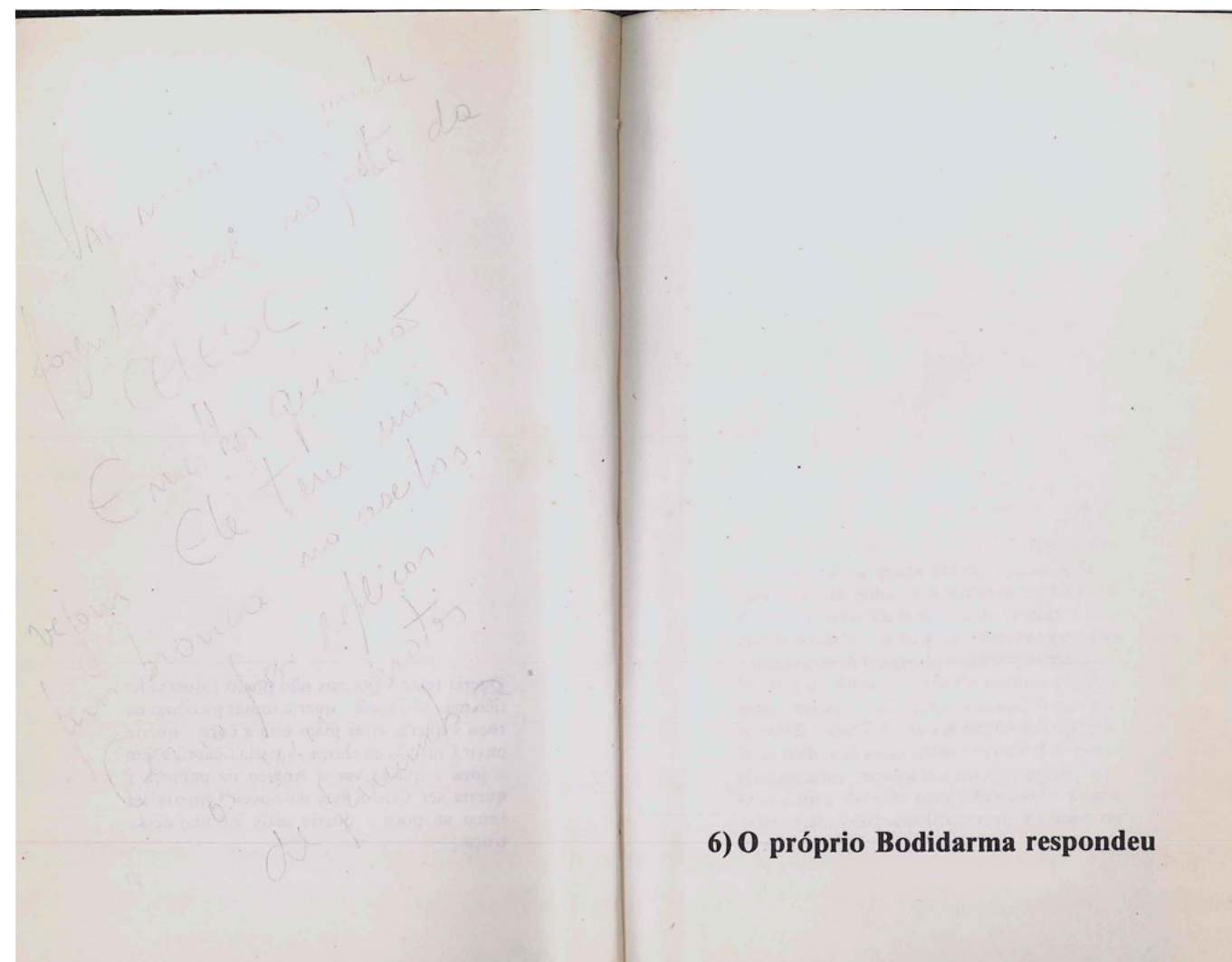
Duas bundas
se aguçam rio
shiuuuuu do sorrisal
como é bom melhora
levando por brinde
um beijo cibasol.
Ortuepio foi
longe quando
encontrou
Driele no meio do Guto!
AHAHAH!



para Anselmo Augusto Varoli



3) Vênus 9

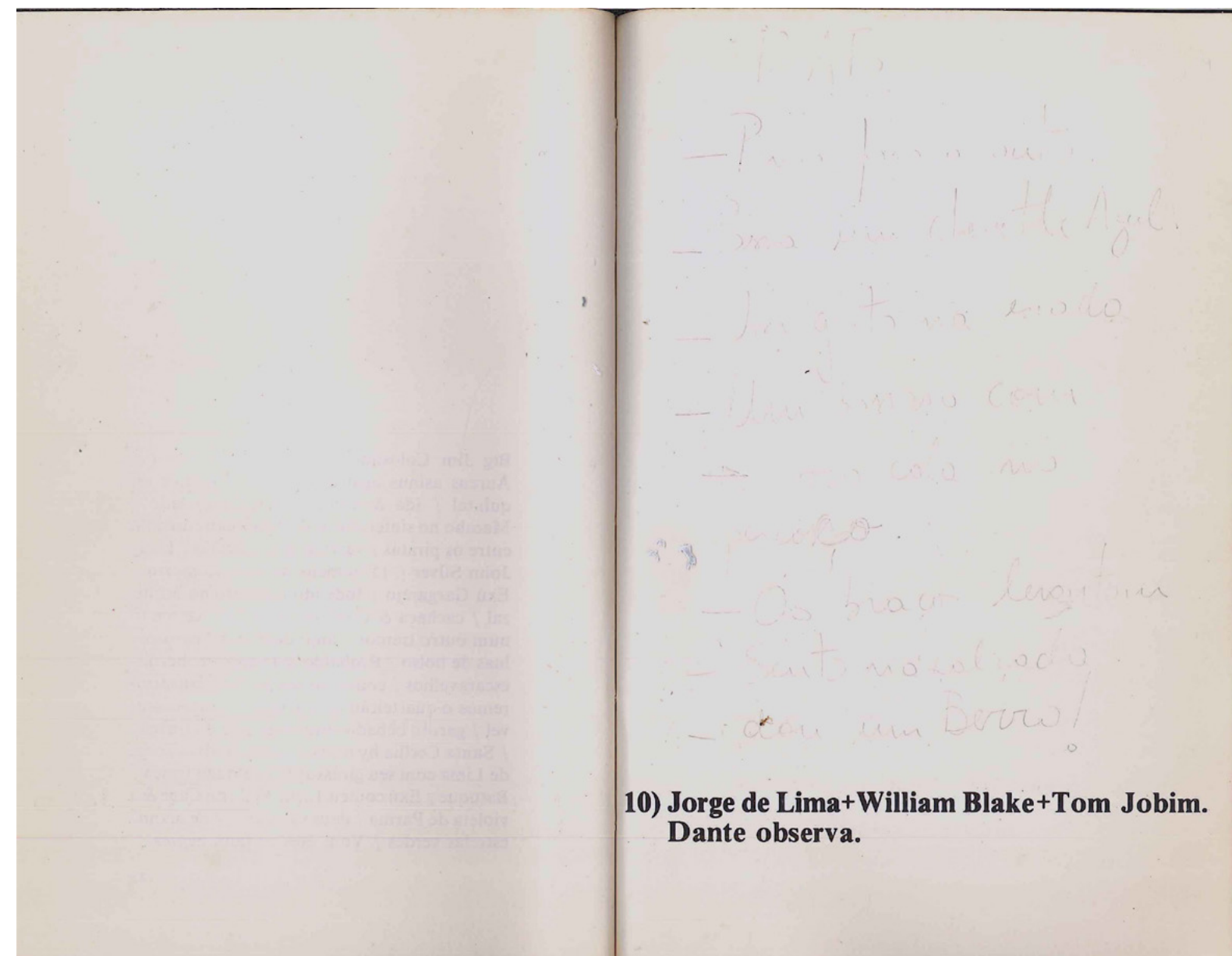


6) O próprio Bodidarma respondeu

Vai nascer um urubu
fazendo xixi no poste da
CELESC.
É melhor que não vejam.
Ele tem uma pena branca no osetas(?)
Como posso explicar
os seus arrotos
de penumbra.

Como posso negar um soluço solar?

DOIDO
SOCO
MOTO



1º ATO

- Pernas para o auto.
- Passa um Chevette Azul.
- Um grito na escada
- Um pássaro com Coca-Cola no pescoço.
- Os braços levantam
- Sento na calçada
- dou um Berro!

COLEÇÃO NAVIO PIRATA
global
ANOS

https://www.glaedicoes.com/post/ou-nao-sou-um-heroi-a-Atual-Realidade-de-um-enfermeiro-em-ny-ky-mendonca

Virou galinha ao molho peso 9:18 p.m.

8:42 p.m.

to nozzom 8:42 p.m.

Amo esse término d romance em rede nacional 9:23 p.m.

Massas se vc quiser faço um tutorial de como baixar streameo pra ver

8:34 p.m. ✓✓

Forwarded

vcs sabiam que por ano ao menos mil penis são amputados no brasil?

11:33 p.m.

perai 12:33 p.m.

posso ligar? 12:34 p.m.

mas vai só áudio mesmo pq vou lavar a louça enquanto falo com vc rs

12:35 p.m.

Bom dia, no momento devido ao feriado nosso serviço de garantia esta Pausa, peço de favor contactar na segunda novamente para verificar status.

11:53 a.m.

Nossa e eu vi mais de dedo no cu e pau no cu 8:02 p.m.

Gente 8:02 p.m.

Será que essas pessoas abrem a bunda pra ver o cu no espelho? 8:02 p.m.

Amo, to bebada 11:37 p.m. ✓✓

Ja entro 11:37 p.m. ✓✓

não tô dando conta desses encontros online em grupo, desculpa

3:10 p.m.

(meio atrasada, masss) 3:10 p.m.

no olho, ou usa o computador ou celular como mesa de luz 9:02 p.m. ✓✓

é, fico pensando que poderia ser interessante brincar com a idéia de autoria vs. produção/pesquisa e como isso vai se dar no momento em que tais trabalhos são introduzidos no Cistema mercado de arte. 6:15 p.m. ✓✓

A gnt está se divorciando 10:34 p.m.

Vou num odontopediatria na terça p ver a lingua 9:43 p.m.

Uma força 8:17 p.m.

fazer exercicios de coxa e começarei 8:07 p.m.

8:07 p.m.

4:42 p.m. ✓

Uma semana pq dai da 7 dias e os sintomas afloram 4:43 p.m. ✓

Cara e a curva do Brasil? 10:31 p.m.

Melhor coisa mudar as coisas e faxina 3:48 p.m.

Nossa, desinfectar tudo 3:48 p.m.

Afe 3:48 p.m.

Na quarentena eu mandei bem poucos 2:58 p.m.

Embora ele seja um crápula 11:53 p.m.

pra mim homem que mostra poder na piroca já me faz desconfiar 7:51 p.m.

Contra o Merda do C... C... 11:45 p.m.

Difícil sai do seu controle 7:01 p.m.

Forwarded
Para quem está perdido:
Hoje é terça 19 de maio,
amanhã é 11 de junho,
quinta é 20 de novembro,
e segunda é 9 de julho.
Espero ter ajudado.
6:40 p.m.

boa luz seria com contraste...sem mto contraste fica boring 7:39 p.m. ✓

Nossa, desinfectar tudo
Mano foi 40min pra desinfetar 3:48 p.m. ✓

Colocar td na maquina tomar banho 3:48 p.m. ✓

E mercado hj tava BOMBAAAANDO 3:49 p.m. ✓

mas deve ser um puta trambolho 9:36 a.m.

Fiquei bebada demais e a conversa com as amigas foi prum lugar meio brutal e nao tive como sair 1:19 p.m. ✓

E essa da apreensão do cel dele 3:57 p.m. ✓

babado 3:57 p.m. ✓

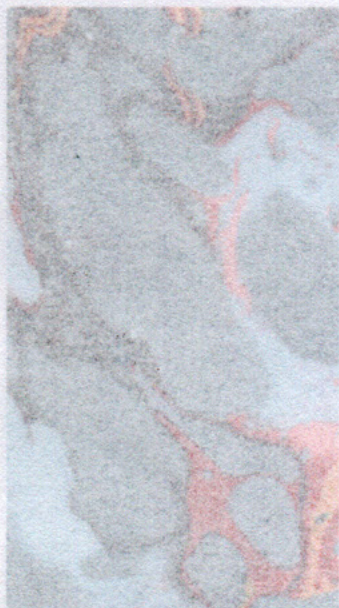
Chama ele pra fazer uma nasty birthday pelo menos 7:38 p.m.

**MANDE NUDES PARA
EU SABER SE VOCE
ESTÁ BEM**

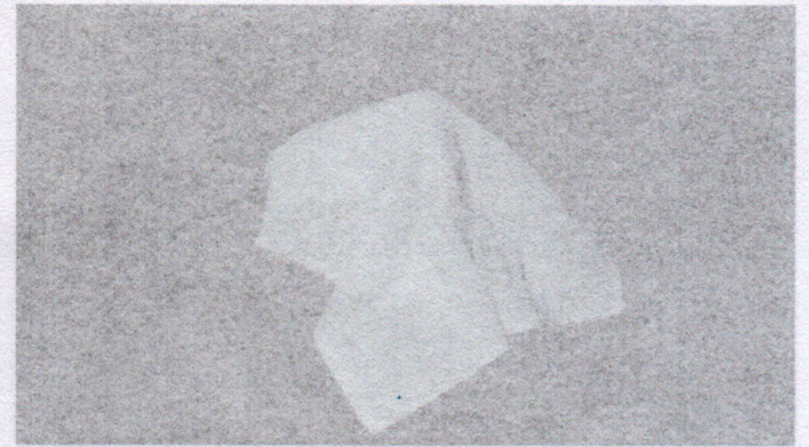
Eu nao gosto de filme mal feito 10:48 p.m.



AS PRÁTICAS COTIDIANAS ESTÃO NA DEPENDÊNCIA DE UM GRANDE CONJUNTO, DIFÍCIL DE DELIMITAR E QUE, A TÍTULO PROVISÓRIO, PODE SER DESIGNADO COMO O DOS PROCEDIMENTOS. SÃO ESQUEMAS DE OPERAÇÕES E MANIPULAÇÕES TÉCNICAS.



64



VISITORS MAY NOT LIFT THE CLOTH



65



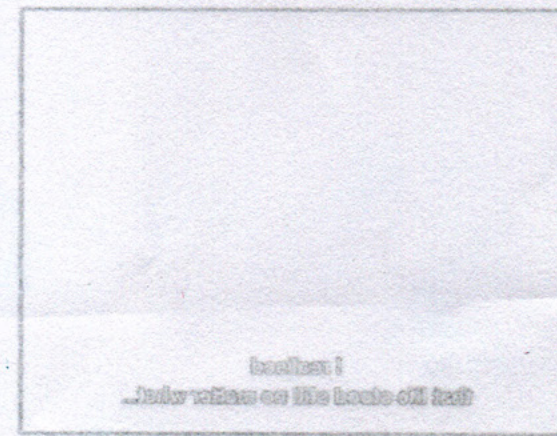


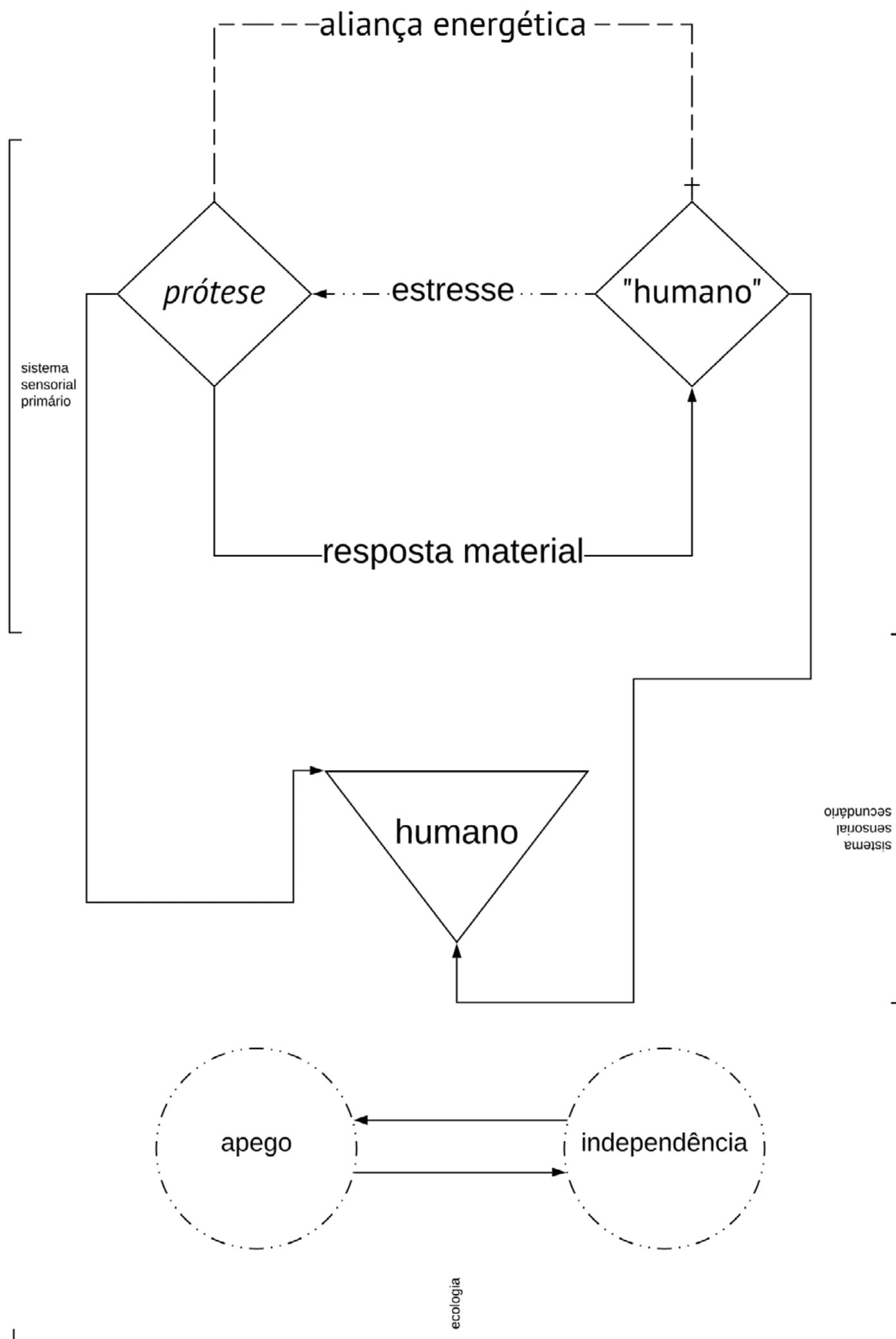
(TRANSCRIÇÃO)

- ALÔ?... ALÔ?

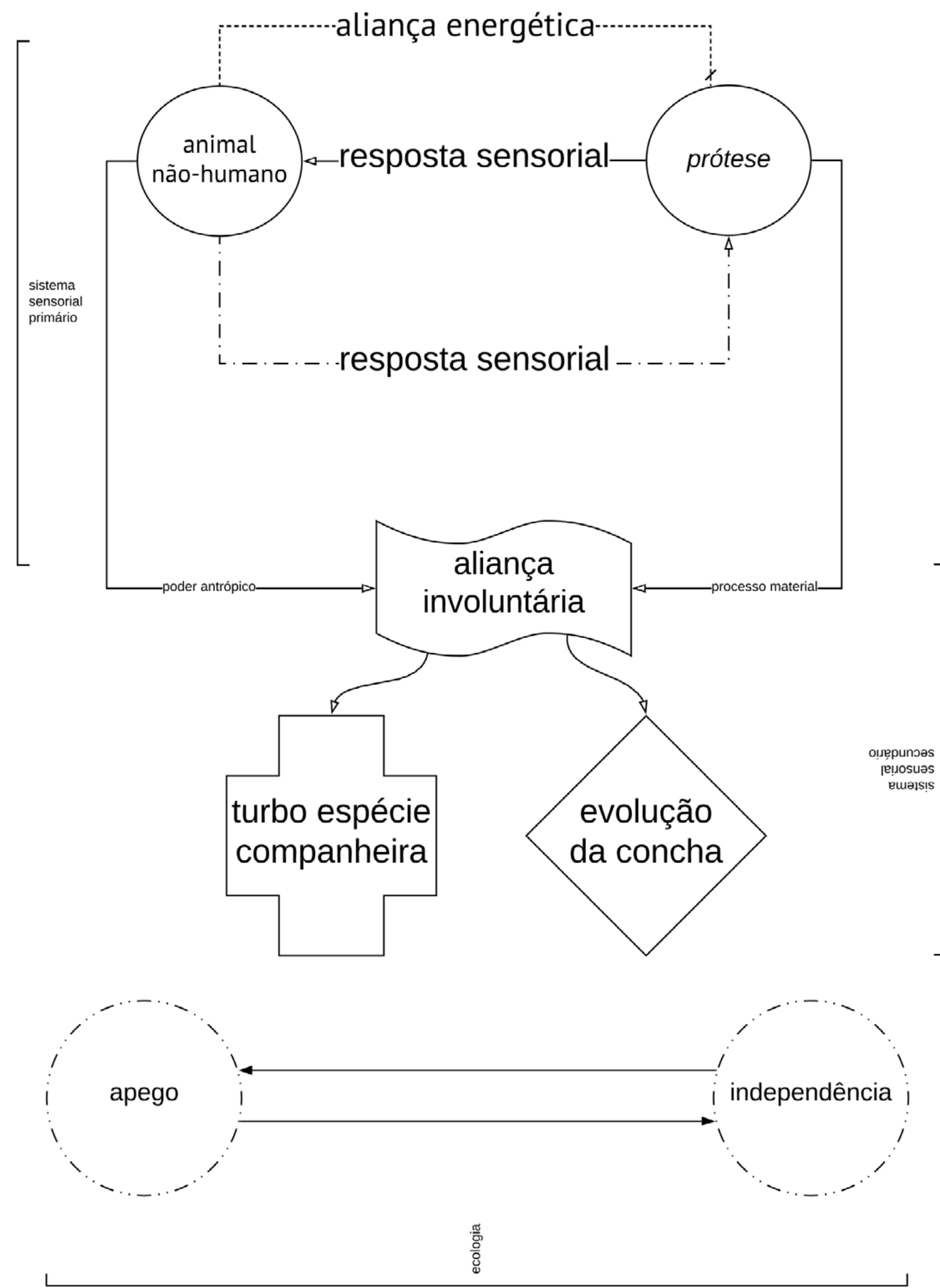
- BOA TARDE, CENTRAL DE ATENDIMENTO ****
(CENSURADO), COMO POSSO AJUDÁ-LO?

- EU ESTOU EM UM ELEVADOR E... O ELEVADOR
DO MEU PRÉDIO PAROU E EU ESTOU DENTRO DELE

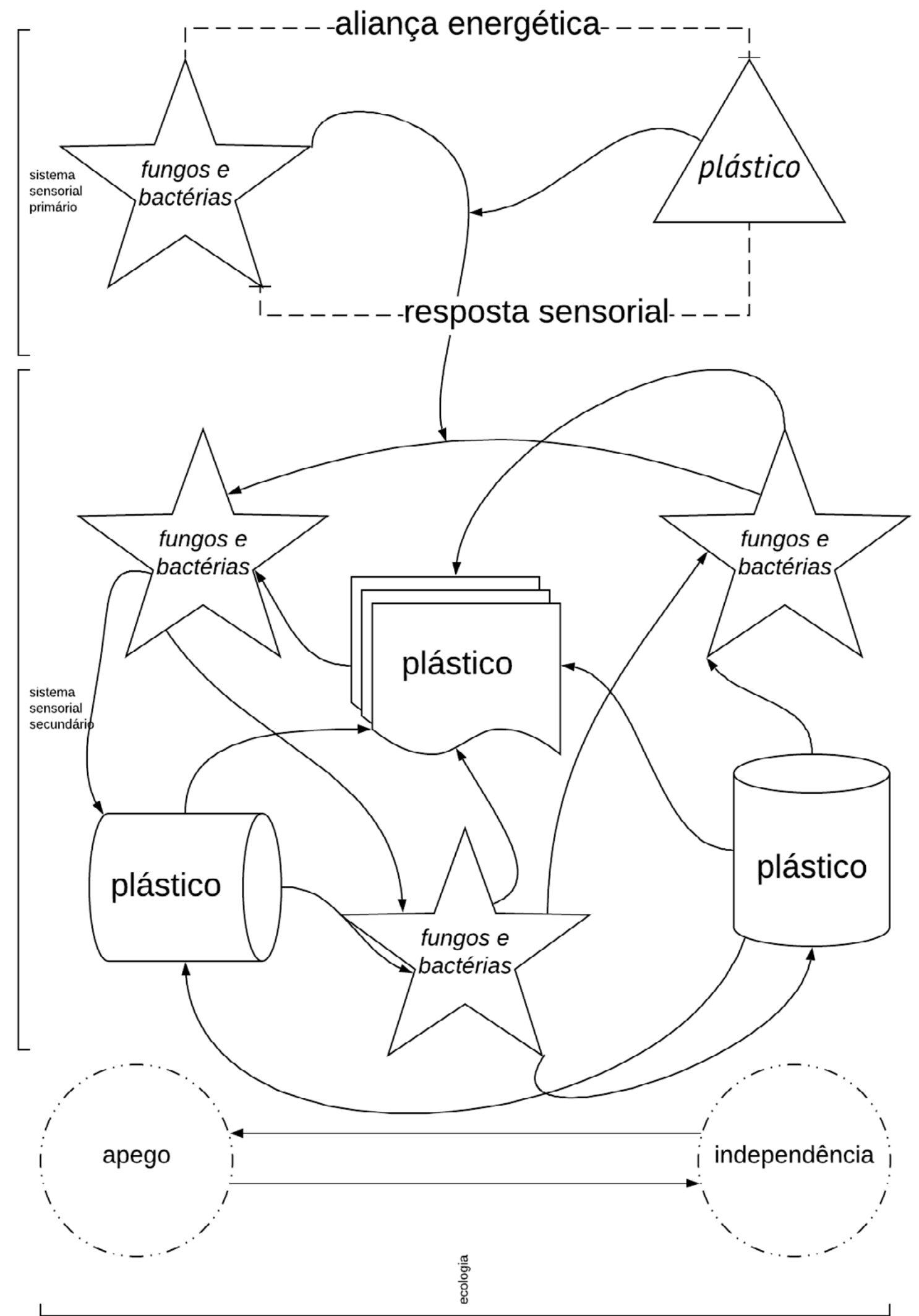
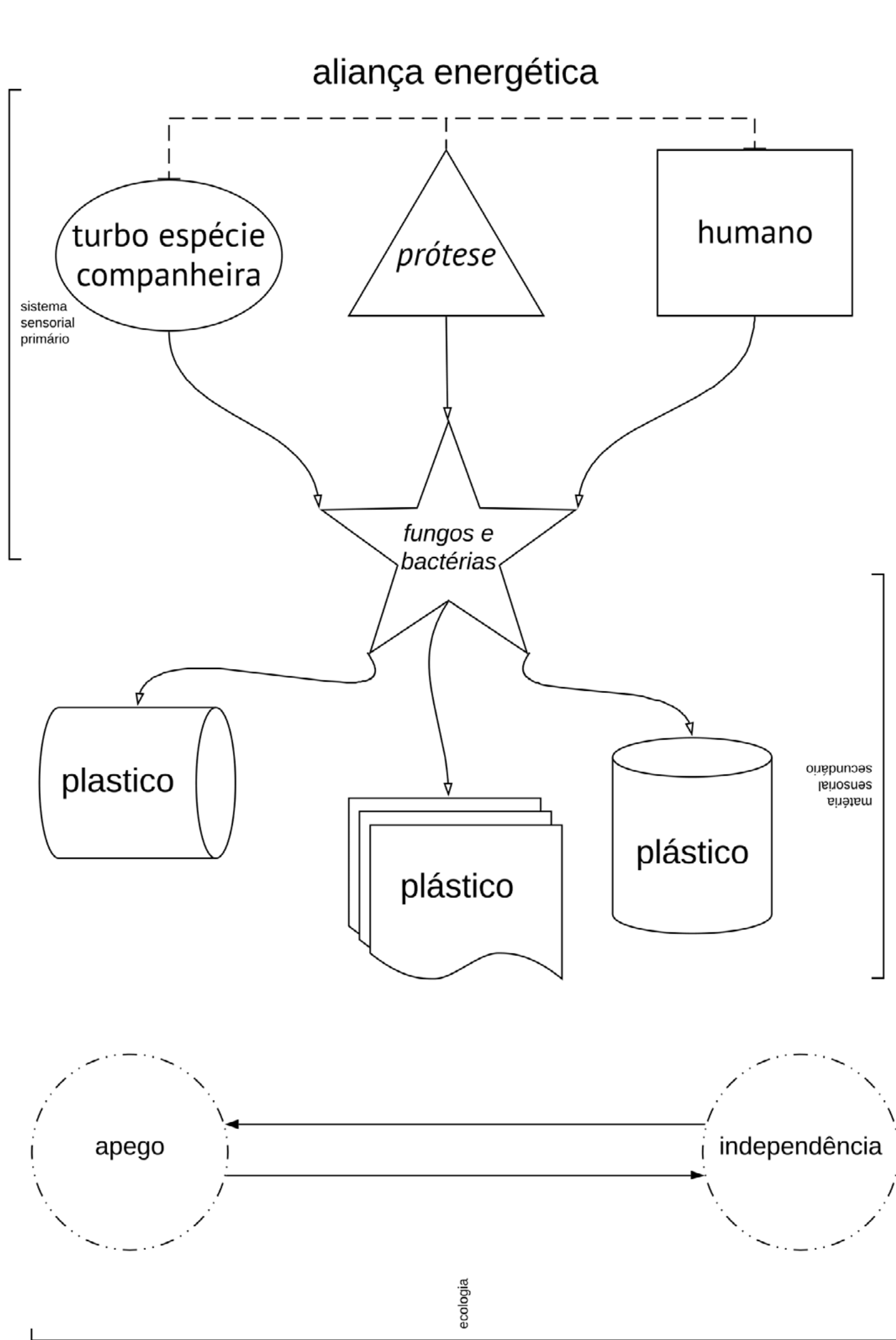




68



69



A artista **Ana Matheus Abbade** (Rio de Janeiro, 1996) posiciona seu interesse nas dinâmicas entre elementos polares, interseccionando estados de presença que escapolem de contornos binários. As palavras, as substâncias, atitudes e imagens formam um repertório que sincretizam e repercutem dimensões do presente. Seu ativismo está no processo e duração da transição temporal e física do substancial em abstrato, da matéria em energia, do acontecimento em evento; tal como funciona uma operação protética, cada elemento se acopla em lugares, objetos e, na mesma medida, à carne. Em seu corpo de trabalho, aparecem materiais farmacêuticos e alimentícios em situação de evaporação ou maceração, como na fórmula de esmaltes, manteigas e óleos para o estímulo do crescimento celular das unhas, ou então, a acetona, álcool e água dissolvendo fitoestrogênio extraído de ervas, cascas e sementes.

Através da performance art, **Eduardo Cardoso Amato** (Castro, 1991) busca reconhecer questões relacionadas à linguagem e à traduzibilidade e como elas podem ser transmitidas e preservadas. O artista se interessa por procedimentos étnico-culturais, as tradições orais e os arquétipos da história da arte, da literatura e do holismo.

O trabalho de **Gabriela Godoi** (São Paulo, 1988) volta-se para a representação do corpo, seja pelos temas discursivos que traz para suas pinturas ou pela observação de ensaios em técnicas de retrato e de corpos em cenas românticas e/ou sexuais. O tempo atual, por supor o completo isolamento durante a pandemia, é apresentado como desafio a uma artista impulsiva e provocadora, que recorre à memória ou à fabulação da presença mediada pelas telas digitais.

A produção de **Helô Sanvoy** (Goiânia, 1985) pode ser entendida em duas partes; a primeira se dá em torno da impossibilidade de nomeação e leitura do mundo, na qual o artista desdobra comentários sobre a inviabilidade de comunicação, tanto por situações acerca do indizível quanto pelo ininteligível. Na outra frente de trabalho, o artista pesquisa sobre como as diferentes formas de silenciamento são provocadas, atuando em uma dimensão política.

Júlia Rocha (São Paulo, 1989) desenvolve sua pesquisa a partir das relações entre corpo e palavra, alargando as fronteiras do que é considerado uma obra coreográfica. Sua pesquisa tem se desdobrado a partir do que está em constante passagem, do que desaparece, da experimentação poética do movimento através de diferentes mídias. Uma característica em comum que atravessa sua produção é que seus trabalhos vão se tornando séries, se transformando em relação aos contextos em que são apresentados, tomando diferentes formas e dimensões variáveis. Em 2014 deu início à editora @e_selodelingua, selo que promove a experimentação de liberdades com a linguagem.

Livia Paola Gorresio (São Paulo, 1982) atua como artista, professora e pesquisadora. Seu interesse se volta ao potencial poético da cor, tomando-o como ponto de partida para o desenvolvimento de seu trabalho - que compreende desenhos, colagens, pinturas, objetos interativos e instalações. O intuito principal da artista é despertar o espectador para uma experiência/pensamento/consciência sobre a natureza das cores.

Interessada em explorar o espaço com leituras e interpretações do gesto, **Maria Noujaim** (Rio de Janeiro, 1986) conta, a seu favor, com elementos aparentemente simples, como o corpo em jogo com o tempo. Sendo esta fórmula a base elementar da teoria e da prática da dança de forma geral, Maria a trouxe para as artes, mais especificamente para a performance, e a ela associou elementos que, juntos ou isoladamente, criam novos recursos tanto para seu desenvolvimento formal - como espelhos e placas de ferro - quanto para sua ambientação poética - como os desenhos, as línguas

de sinais, e a poesia propriamente dita. A virtualidade, se já estava presente em sua pesquisa do espaço físico, passa agora a guiar sua produção rumo a novos caminhos, que pressupõem o virtual (próprio da internet) enquanto espaço de investigação.

A produção de **Matheus Chiaratti** (Birigui, 1988) é informada pela literatura, história da arte e autobiografia misturada a autoficção. Sua produção pode se dar em suportes diversos como pintura, escrita, escultura, áudio, intervenção na cidade, entre muitos outros. Em *Hotel Esfinge*, intervenção que aconteceu em 2018 no @arte_passagem (do qual Matheus é cofundador), o artista se baseou nas derivas urbanas de escritores marginais da década de 60/70, como Claudio Willer e Roberto Piva, para fazer circular algumas pinturas pelo entorno da galeria, nas ruas do centro de São Paulo - as pinturas de Matheus eram todas baseadas em um desenho achado na rua, de autor anônimo. Atualmente, uma das pesquisas que o artista desenvolve é uma série de pôsteres de cinema que resgatam nomes de seus antigos amantes, justapostos a imagens e títulos de filmes, revisitando sua história pessoal de maneira declaradamente fantasiosa.

Usualmente trabalhando em espaços que costumam se tornar cenários de sua produção artística, sejam eles naturais ou internos (ateliês), **Pedro Hurpia** (Brasília, 1976) explora ações em paisagens a partir de aparatos por ele fabricados após pesquisa em busca de formas, materiais, fatos científicos e, não raro, crenças populares. Os aparatos, de específica finalidade para tais intervenções, valem-se de um mistério, tanto por suas aparências quanto por seus usos, e denotam interferências inusitadas, sempre muito poéticas, no registro da natureza.

Com uma obra voltada para as questões textuais, **Pedro Zylbersztajn** (São Paulo, 1993) toma o texto como premissa, registro e/ou fruto de procedimentos, sempre se propondo a experimentar relações entre linguagem e processo, meio e transposição, obra e público (seja ele espectador ou leitor). Tomando a metalinguagem como eixo de sua produção e explorando cruzamentos entre modos de leitura, dinâmicas de autoridades e uso de protocolos, Pedro acaba pondo em risco a própria estrutura linguística que, dentro de contextos literários ou filosóficos, cumpre à perfeição sua função de discurso.

Walter Solon (São Paulo, 1992), formado em ciências sociais pela Universidade de São Paulo, vive na Alemanha desde 2014, onde conclui seu mestrado em artes visuais e cinema. Com a produção voltada particularmente para o audiovisual, mas sempre flertando com a música e a literatura, Solon se interessa pela zona de contato entre o documentário e o ficcional, característica muitas vezes explorada pelas vozes de seus narradores. A residência no Pivô coincide com a pesquisa que o artista vem desenvolvendo para a redação de um romance e composição de músicas, parte do projeto interdisciplinar “Fundações”, que trata de suicídio, HIV e memória.

O trabalho de **Wisrah Villefort** (Buritizeiro, 1989) trata de questões contemporâneas urgentes, como a agência da imagem na sociedade contemporânea e a onipresença do plástico no mundo atual, bem como a ligação existente entre esses dois desdobramentos, seus mercados e capitais. Seu corpo de obra se desdobra em textos, vídeos, objetos instalativos em espaços expostivos e projetos online, como o @mercado__livre no qual o artista investiga a imagética de objetos vendidos em plataformas online com sede no Sul Global.

Adriana Nishmi
 Agrippina R. Manhattan
 Alice Noujaim
 Ana-Marta Schwartzmann Solon
 Ana Wainer
 Ari Marcelo Solon
 Bianca Brandão
 Celia Rodrigues
 Claudio Willer
 Dheyne de Souza
 Elena Vogman
 Eliane Robert Moraes
 Esper Postma
 Fabiana Faleiros
 Felipe Salem
 Gabriel Kolyniak
 Gabriel Mielnik
 Gustavo Benini
 Gustavo Galo
 Hugo Jucá
 Janine Sachs
 Jessica Cardin
 Jorge Loureiro
 Jonathan Omer Mizrahi
 José Armênio Brito Cruz
 Judith Weinstock-Montag
 Julia Clemente
 Julia Jaguaribe
 Julia Scher and class
 Laura Serejo Genes
 Layla Motta
 Leonardo Piana
 Maísa Mendes
 Malu del Nero
 Marão
 Marcelino Freire
 Mariana Carioba
 Marlene Guaragni
 Mike Anielewicz
 Natália Alvim
 Natalia Marques Antunes
 Nolan Oswald Dennis
 Pedro Hernandez
 Phil Collins and class
 Ricardo Domeneck
 Romeu Liger
 Rudi Solon
 Rui Oscar Solon

Ruth Solon
 Santarosa Barreto
 Tarsila Riso
 Thomas Sean Matthewson
 Verónica Yattah
 Vicente Castro
 Virginia Andreatta

+

Equipe Pivô
 aarea (Livia Benedetti e Marcela Vieira)

Todos os interlocutores e demais
 participantes do programa

e uns aos outros

Direção artística —
 Fernanda Brenner

Direção de desenvolvimento —
 Paula Signorelli

Coordenação de produção —
 Carolina Câmara

Curadoria —
 Leo Felipe

Atendimento ao público —
 Alice Yura

Produção Pivô Pesquisa —
 Raquel Sena

Zeladoria e montagem —
 Matias Oliveira

Assistência geral —
 Jessica Gonçalves

Apoio administrativo —
 Luana Lima

Limpeza e manutenção —
 Cristina Guerra

Assessoria financeira —
 2Palitos

Assessoria de imprensa —
 INDEX

Pivô agradece aos seus mantenedores

Alexandra Mollof, Almeida e Dale Galeria, Andrea e José Olympio da Veiga Pereira, Ana e Marco Abrahão, Bergamin & Gomide, Carbono Galeria, Casa Triângulo, Coleção Coletiva, Fabiana Brenner, Fabio Luchetti, Fortes D'Aloia & Gabriel, Galeria Leme /AD, Galeria Luisa Strina, Galeria Nara Roesler, Galleria Franco Noero, Georgiana Rothier e Bernardo Faria, Graham Steele e Ulysses de Santi, Isabella Prata, José Leopoldo Figueiredo, Laurie Ziegler, Lucila e Jeff Hoberman, Marcelo Tilkian Maia, Mendes Wood DM, SIM Galeria, Vera e Luiz Parreiras, Virgínia e Daniel Weinberg, Vivien Hertogh e Jairo Okret, + anônimos

